



Literatura de Inverno

# Solstício da Alma



Organização

José Felício Ribeiro De Cezare  
Márcio Martelli

**Elaboração da ficha catalográfica**   **Editoração e acabamento**

Gildenir Carolino Santos  
(Bibliotecário)

Editora In House

**Editor responsável**

Márcio Martelli

**Projeto gráfico**

Márcio Martelli

**Revisão gramatical**

José Felício Ribeiro De Cezare

**Ilustrações e Fotos**

Design by Freepik.com  
Arquivos pessoais

**Série**

Literatura de inverno

Catálogo na Publicação (CIP) elaborada  
por Gildenir Carolino Santos – CRB-8ª/5447

So47 Solstício da Alma / José Felício Felício De Cezare; Márcio Martelli  
(organização). – Jundiaí, SP: Ed. In House, 2020.  
Recurso digital : il. (Literatura de inverno)

Publicação digital (e-book) no formato PDF.  
ISBN: 978-65-86978-17-9

1. Poesia brasileira. 2. Crônicas brasileiras. 3. **Antologias.** 4.  
Literatura brasileira. I. De Cezare, José Felício Ribeiro (org.).  
II. Martelli, Márcio (org.). III. Título. IV. **Série.**

20-008EBK

20ª CDD – B869.15

Impresso no Brasil  
1ª edição – julho – 2020  
ISBN: 978-65-86978-17-9

Todos os direitos desta publicação estão reservados à Editora In House,  
que detém os direitos autorais da obra para a Língua Portuguesa.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a  
prévia autorização por escrito do editor ou do autor.

Jundiaí, SP, julho de 2020.



11 4607-8747 | 99903-7599



editorainhouse@gmail.com



www.livrariainhouse.com



editorainhouse

www.editorainhouse.com.br



# Apresentação

*Penso noventa e nove vezes e nada descubro;  
deixo de pensar, mergulho em profundo  
silêncio – e eis que a verdade se me revela.*

*Albert Einstein*

Muito do mundo, por vezes, acontece sem explicação...

Talvez, só talvez, não tenhamos todas as chaves para decifrar aquilo que não pode ser explicado.

Esse livro corre o risco de ser um de desses momentos, assim como outras obras literárias, ou obras de arte. Enfim, toda a manifestação artística que afirmamos vir de maneira inspirada, sentida, percebida ou autopercebida.

As palavras que aqui se encontram e buscam ilustrar essa temática tão transcendental, tão introspectiva como o inverno e seu solstício abarcando toda sua semiótica, demonstram-se como num paradoxo ontológico, ou seja, existe sem terem sido criadas.

A sensação quando pensamos em como seriam organizados os textos, como seria composta a parte gráfica, como as pessoas participariam e até mesmo a necessidade de sua existência... é de que já estava pronto.

E dessa maneira aqui está uma bela obra, para que, nos momentos da necessidade de perceber a si mesmo, nossas percepções possam ser compartilhadas com você. Conhecer é autoconhecer.

Platão explica que tudo antes de aqui existir, já se consumou no mundo das ideias, assim como Blavatsky consultava seus estudos na sua “tela” etérea. Tudo estava ali, presente, nela mesma.

*“Em verdade, Sócrates – tornou então Cebes – é precisamente esse também o sentido daquele famoso argumento que (suposto seja verdadeiro) tens o hábito de citar amiúde. Aprender, diz ele, não é outra coisa senão recordar”.*

*Fédon - Platão*

**Os organizadores**

# Sumário

Prefácio .....	5	Ivane Padilha de Soeiro Rocha .....	95
Ana Clara Santos Cavalcante .....	71 / 79	Ivonete Piccinato de Freitas .....	43 / 54
Ana Eulinda Marquesim Nóbrega.....	31	Jefferson Dieckmann.....	58 / 65
André Argollo .....	59 / 67 / 74	João Carlos José Martinelli.....	51
Aneli Monteoliva .....	108	João Daniel .....	45 / 63
Aristeu de Campos Filho .....	83	José Felício Ribeiro De Cezare..	34 / 40 / 116
Aristides Almeida Rocha.....	95	José Garcia Netto .....	90
Arthur Cosin .....	19 / 36	Josyanne Rita de Arruda Franco .....	15
Bel Lopes.....	16	Júlia Fernandes Heimann .....	25
Bruno Marin .....	70	Kelli Lima .....	44 / 57
Cacilda Franco Ribeiro .....	104	Kelly Cristina Galbieri .....	47
Camila Fernandes de Freitas Rosalem...	111	Laura Silva .....	37 / 100
Carlos Thompson .....	10	Liege Esteves .....	69 / 78
Carmen Sílvia Pereira .....	30	Manoel de Jesus Carvalho .....	82
Dalton Luiz Sibinel.....	13 / 39	Márcia Oliveira .....	68
David Ferreira .....	27 / 106	Márcio Martelli...	7 / 18 / 32 / 33 / 116 / 118
Eliane Diana .....	88	Mariana Siqueira .....	103
Elis Regina Lima .....	21	Marta Corrêa.....	53
Elisângela Pelegrinelli .....	17	Nilton Gutierrez.....	85
Evandro Fernandes da Silva .....	56 / 72	Patrícia Razza .....	92
Evelyn de Assis.....	35 / 55	Renata Iacovino .....	14
Fábio Spina .....	22	Ronaldo Martelli.....	81 / 115
Flavia Cunha .....	12 / 20 / 38	Rosalie Gallo y Sanches .....	112 / 117
Guilherme Rueda .....	66 / 77	Susana Bueno de Souza .....	60 / 101
Herminia Aparecida Balbuena .....	113	Susana Ferretti .....	7 / 8 / 9
Ildasio Beserra .....	73 / 80	Thaty Marcondes .....	62 / 89



## *Prefácio*

O inverno se mostra entre as quatro estações, como a estação, na qual, as noites são mais longas, o que nos proporciona maior recolhimento. Esse momento torna-se propício para revermos conceitos, vermos sob a imagem gélida o calor, a vida latente que insiste em manter o pulsar de cada ser.

Temos a grande oportunidade de nos reconectarmos com nós mesmos, compreender, mais do que nunca esse processo de início e fim, descanso e atividade, morte... renascimento. E para que isso ocorra, o inverno oferece a oportunidade de concentrarmos nossas energias para renascer. Agora é o momento de olharmos para nossas sombras, aceitá-las como parte de nós e, quem sabe, nos tornarmos melhores.

O solstício está presente desde os tempos mais remotos no imaginário dos povos, seja relacionado às festividades, seja relacionado às divindades. Sempre induzindo as culturas para concentração ou manifestação de sua força e intelecto. Os animais naturalmente atendem o chamado da natureza, sentem em seu âmago o momento decisivo para seguirem em frente.

Talvez, nós humanos, no nosso cotidiano permeado pela mais variadas necessidades, acabamos por ignorar os aspectos intrínsecos da manifestação da vida em seus ciclos. Dia e noite, calor e sua ausência, nascimento e morte, plantar e colher... estendemos tudo ao limite máximo, exigimos mais e mais e em algum momento a cobrança chega.



## *Solstício da Alma*

O momento atual se coloca como um ponto de ignição para podermos harmonizar nossa mente com a natureza mais uma vez.

Uma segunda chance, um novo normal?

Precisamos entender o que é “normal”, para depois discutirmos se haverá um novo. E isso é muito mais complexo do que se possa imaginar!

Todavia, há algo que precisa ser absorvido em toda a sua essência.

Sem a compreensão da impermanência que harmoniza a existência de todos os seres, sem o entendimento do momento de concentrar forças para florescer com toda energia e entendimento daquilo que se esconde sob nossas mais grossas camadas. Toda essa experiência será inútil, e o ciclo só estará completo quando o aprendizado for adquirido.

Assim adquirido...

Estaremos florescendo na aurora de uma nova manhã, enxergando no brilho de cada gota de orvalho do amanhecer mais frio, a luz da gratidão pelas oportunidades vividas.

É para isso que esse livro existe!

**José Felício Ribeiro De Cezare**





## *Águas da alma*

Sinto no peito esse tormento  
Quando olho ao mar,  
Quando me perco em divagações,  
Entre sonhos e memórias.  
Uma angústia, um sofrer,  
Um soltar-me entre as águas  
De um oceano profundo,  
Bem aqui dentro de mim...  
Deixo que as águas invadam minh'alma  
E lavem todo meu ser,  
Na esperança dessa velha alma  
Vir a renascer,  
De outro modo,  
Em outros caminhos.  
Mas a água, mesmo forte batendo,  
Fria, enrijecendo meus músculos,  
À frente me empurra  
Dizendo: não, não aqui,  
Não agora!  
Não é para desistir!  
Anda, pisa com mais força,  
Finca seus esteios,  
Cinzela suas marcas  
E abre os braços  
Para o novo tempo,  
Sob a luz do sol  
E o abraço do vento!



**Márcio Martelli**  
Jundiaí - SP



**Susana Ferretti**  
Jundiaí - SP



# *Renascer*

O claro da lua invade a sala  
Trazendo, para dentro de casa,  
Um facho de luz no meio da noite.  
Quando se fizer manhã  
O sol tocará o mesmo chão,  
Com vibrante brilho.  
E, assim, vão os dias se seguindo.  
Nesse inverno frio e quente  
Em que a vida se passa além vidros.  
Tudo está, mas não está,  
Nos lugares conhecidos.  
Vive a memória de passados invernos.  
Vivem as imagens em vídeos.  
Vive na alma o perfume  
De mato, das flores, do ar seco  
E de terra molhada  
Pela fria garoa que, na tarde,  
Fez brilhar os raios de sol.  
Vive-se a esperança de renascer,  
Depois do inverno, como verdejantes brotos  
Estendendo-se ao sol, sobre os ramos  
De frondosa árvore, à beira da estradinha  
Que leva para bem longe,  
A meio caminho de qualquer lugar  
Que abrigue o silêncio do vento,  
Embalando as folhas a cantar.



**Susana Ferretti**  
Jundiaí - SP



Susana Ferretti  
Jundiaí - SP



## *Tempo de ser feliz*

Por vezes quero acordar  
No meu mundo,  
Onde tudo está no lugar certo,  
Onde tudo funciona calma e serenamente,  
Como se fosse a casinha de brincar  
Dos meus tempos de criança,  
No quintal perto da horta,  
Sob o olhar de minha mãe  
A lavar e estender roupas no varal.  
Mas, se na minha infância  
Havia o vento, o temporal chegando  
E, ansiosa, eu guardava os brinquedos,  
Como posso imaginar, hoje,  
Que tudo possa ser só felicidade?  
Já se vão muitos anos  
E temporais mil.  
Já montei e desmontei, tantas vezes, o espaço de viver  
E, mesmo assim, guardo em mim  
A ingênua criança querendo ser feliz,  
Mesmo que, por vezes, seja só por segundos,  
Até que o dia clareie e lembre que tudo não é assim.



## *Ornitorrinco de inverno*

Um dia frio, um bom lugar pra ler um livro... Quando ouço esta música do Djavan, começo a entrar no clima do inverno, ainda que, lá fora, o Equador pareça mais próximo do que o Trópico de Capricórnio.

Ouso até dizer – e repetir – que Deus criou o frio. Imediatamente, me perguntam: “E o calor?”. Pois é, foi o ‘outro’, que é mais ligado às chamas eternas, se é que me entendem.

Claro que isso me tornou meio excêntrico nos lugares que frequentava, quando ainda vivíamos também ao ar livre. Em São Paulo, que tem um inverno com cara de primavera, quando os termômetros baixam para uns 17°C eu ouço comentários assim: E aí gaúcho, está gostando do frio? O sorriso fica amarelo, e explico, para deleite geral: faz menos do que isso no verão, à noite, na praia do Cassino, em Rio Grande.

O interessante é que tal esquisitice consegue me unir aos outros, mesmo que mal me conheçam. Ah, você é aquele do frio! Você é o que gosta de frio e chuva. E olham para mim como seu eu fosse uma espécie de ornitorrinco, animalzinho simpático da Austrália, que tem cauda de castor, focinho que lembra um bico de pato e pés com membranas.

O pior são as pessoas que confundem gostar de frio com não sentir frio. É claro que eu sinto e, quando o dia permite, uso um casaco mais pesado ou um pulôver. Eu digo pulôver. E durante algumas décadas, falava casacão, e não sobretudo.

Na minha família, há teses de que eu gosto mais da indumentária, das roupas e acessórios do frio, do que das baixas temperaturas. Pode ser. Mas minha justificativa – sim, para gostar de frio no Brasil há que se explicar muito bem! – é que não suporto suar e não gosto de fritar ao sol. Protetor solar se tornou mais suportável depois que surgiram versões em spray, mas não está entre os objetos de que mais gosto.

E a cerveja gelada? Bem, não tenho preconceitos. Cerveja cai bem em qualquer época do ano. E o sorvete? Não ligo. Melancia gelada? Não, muito obrigado!



## *Solstício da Alma*

Adoro o mar e tudo o que seja náutico. Mas não há necessidade de passar dos 25°C para que eu desfrute do vaivém das ondas, do céu azul e da brisa marinha.

Por que gosto tanto de dias nublados, com uma leve garoa? Antes que alguém me xingue, acho que tais dias favorecem a introspecção, a leitura, a escrita, assistir a um bom e velho seriado (Perdidos no Espaço, Túnel do Tempo, Terra de Gigantes, Além da Imaginação, Viagem ao Fundo do Mar).

Imaginem a quarentena (ou as quarentenas que se sucedem) com 40°C, assando literalmente dentro de casa, o suor pingando no chão! Nem pensar.

Minha esposa diz que eu divido tudo, no mundo, de acordo com a temperatura. Talvez. Eu gosto de viver na temperatura e pressão adequadas.

Sei que esta preferência não me qualifica para vencer o Mister Simpatia. Certamente que não. Mas, chegando aos 60 anos, seis longas décadas, em que vi o Brasil, bem, não vi avançar, acho que tenho o direito de gostar de frio, de vinho tinto, The Beatles, Nei Lisboa, Jorge Luiz Borges, Fernando Pessoa e Mario Quintana. E de ser um gaúcho com muitas características paulistanas (ou melhor, da Vila Pompeia) que, horror!, prefere feijoada a churrasco.

E que acha normal caminhar na areia do Cassino enquanto sopra um vento gelado e nuvens encobrem o sol. Cada um com o seu cada qual.



**Carlos Thompson**  
São Paulo - SP

## *Pequena inspiração*

Avermelhado sol  
Escondeu-se atrás do casario  
A despedir-se do outono

Foi ele  
Quem crestou as folhas  
E levou-as ao chão?

Não importa.  
Outra estação virá  
E este mesmo sol  
Amanhã brilhará

Para aquecer os dias  
Gelados  
Que por certo virão.



**Flávia Cunha**  
Jundiáí - SP



## *Reconciliação*

Não tem nada perdido  
O passado já está esquecido  
O que vale agora é o presente  
Para mostrar o que o coração sente.  
Aos meus pés, eu tenho o mundo  
Uma hora, um minuto, um segundo  
É o tempo para lhe reconquistar  
E, intensamente, vir para lhe amar.  
Dê mais uma chance para mim  
Juro que irei até o fim  
Minha vida vai ter mais valor  
Nos meus dias, saborear o seu amor.  
Vamos agora tudo zerar  
Uma nova vida recomeçar  
E sem mágoas no coração  
Explodir a minha paixão.  
Ah! É só você querer, e eu quero  
Na minha cama fria, eu a espero  
Preencha o vazio que você me deixou  
Para amanhecer nos braços de quem sempre a amou.



**Dalton Luiz Sibinel**

Jundiaí - SP



# *Bruma*



**Renata Iacovino**

Jundiaí - SP

O inverno vem manso,  
em meus cabelos brancos  
sinto sua textura.  
Em meio à bruma  
Vejo-me como se no espelho estivesse.  
Sobre minhas vestes  
gotículas do ar úmido  
vão me refazendo...  
Vou reaprendendo  
a ser quem sou,  
a deixar de ser  
o que se perdeu com o tempo  
de maneira providencial.  
Tudo agora parece normal,  
até mesmo o anormal.  
E o que é um, e o que é outro?  
Sou eu, mas sou outros,  
dentro do uníssimo canto  
que entoa minha alma,  
à capela,  
à luz de vela.  
Cá dentro o ambiente aquecido  
traz-me o cômodo viver.  
Vou lá fora,  
encontro o inverno  
que me abraça com seu gostoso frescor alvo,  
num dia tão calmo,  
que é apenas mais um dia,  
mas particular em sua singularidade,  
nunca um dia igual ao outro.

## *Círculo de fogo*

Tu sabes... eu quase não preciso de ti.  
Eu quero só poder te amar no fim da tarde,  
enquanto o frio vier desbotar a antiga cor  
e nossos beijos na boca não secarem.  
Tu me darás nova versão do teu amor  
e eu te darei somente o que tu desejares:  
uma conversa... um corpo imerso no calor  
e o anel de fogo de dois astros na paisagem.  
Porque faz frio no espaço manso dessa dor  
e as promessas bafejaram nossos males.  
Somos reféns de um desejo sem rancor  
e o inverno encharca nosso corpo de saudade.  
Por isso esqueço o teu jeito enganador  
quando teus pelos me recobrem a passagem  
do paraíso, navegando nosso amor  
de horas loucas naufragadas na ancoragem.  
Tu não precisas do amor que eu te dou...  
não precisamos da aliança que vem tarde.  
Então, no eclipse encontramos velho ardor  
iluminando nosso céu de realidade:  
nós sucumbimos ao adeus que nos sobrou  
depois que os anos nos tiraram a coragem...



**Josyanne Rita  
de Arruda Franco**  
Jundiaí - SP

## *Solstitius*

Meu quarto, cidade adormecida  
Depósito de anseios e desejos  
Concreto de leitura entumescida  
Invernal e úmido de segredos

O sol clareia-o pelas frestas  
Espanta as garras da ressaca  
Briga com as madrugadas em mechas  
Desfaz algumas marcas

Mesmo calado, ele xinga,  
Zomba de minhas derrotas  
Faz careta ao meu silêncio  
E bate-me todas as portas



**Bel Lopes**  
Francisco Morato - SP





# *O Doutor da Palavra*

Uma das maiores virtudes do ser humano é a gratidão.

É isso que temos pelo grande São Jerônimo, o Santo!  
Sem o empenho dele não teríamos contato com a revelação  
Dessa linda carta de um Pai amoroso; esse canto.

De fé e esperança em seus filhos, mesmo com a ingratidão.  
Tantas traições, pecados; mas, a Mãe, com seu manto,  
Acolhe-nos e o Doutor Jerônimo, com sua devoção,  
Pacientemente, nos presenteia com esse acalanto...

As Sagradas Escrituras, a Bíblia, a verdade.  
O projeto de um Deus que tem por seu povo, muito amor.  
Toda uma história de uma árdua caminhada rumo à liberdade.

São Jerônimo nos permitiu saber de tudo com ardor.  
Esse Doutor da Igreja nos deu essa felicidade.  
Por isso, devemos a ele todo respeito e louvor.



**Elisângela Pelegrinelli**  
Jundiá - SP



# *Luar*

Às vezes sou sereno  
Orvalho da noite  
despertando lentamente  
Não mais sou dia  
Nem tampouco noite  
Sou o tempo que corre  
Sou o tempo que morre  
Que discorre  
Sobre o que faço  
Não faço  
Tento fazer  
Sou o perfume das flores  
Que de lá de fora  
Chamam por mim  
Sou as horas nuas  
Cruas  
E sei que  
Bem dentro de mim  
Mora esse desejo  
De poder ser  
E não ser  
Esse tempo doido  
E doído  
Que reflete  
A solidão de cada um  
De nós



**Márcio Martelli**

Jundiá - SP



## *As flores de junho*

Precisas de um tempo irmão  
Todos nós estamos à deriva  
Então me digas tua opinião  
Ou estarei sempre à esquiwa

As cores lá fora desbotaram  
Mas suplico-te, não chores  
Há coisas incríveis que restaram  
Houve tempos bem piores

Pense em nossos momentos  
Pense nos nossos amores, irmão  
Junte teus fragmentos  
E repares teu coração



**Arthur Cosin**  
Jundiaí - SP

## *Refúgio*

Sei que teu manto  
Encobre as ladinagens  
É mais denso que adamantos  
E mais perigoso que as voragens

Vejo que teu pranto  
Sempre foi silenciado  
Sem sentido ou esperanto  
Para sempre renegado

Me derramo nas lágrimas da noite  
Onde as trevas invadem com repúdio  
Mas tampouco sinto teu açoite  
Tu és meu mais profundo refúgio

## *Egoísmo*

“Pegue aquele vinho  
E vamos comemorar  
A chegada do inverno

A noite está fria  
Mas temos agasalhos  
E aquecimento interno

Que me importa  
Se há gente lá fora  
Sem ter o que comer?

Eu lutei e venci  
Tenho tudo que quero  
Não preciso sofrer!”

A esposa só ouve  
E vai buscar o vinho  
Que será degustado  
Em taças de cristal

Dá um lindo sorriso  
Como a lhe dizer  
Que graças a ele  
Tudo está certinho  
Têm a vida ideal

Mal sabe o egoísta  
Que ela já comprou  
Mais de cem cobertores  
E fez a doação

Para famílias pobres  
Que agradecem a Deus  
Do fundo do coração



**Flavia Cunha**  
Jundiaí - SP





**Elis Regina Lima**

Jundiaí - SP

## *Terra de infância*

Canta, canta passarinho lá no alto do coqueiro  
Eu espio do canteiro  
E escuto a serenata do teu canto de ninar.  
Já raiou um novo dia.  
Lá debaixo do “juá” vou correndo encontrar meu tesouro de menina.  
Que ontem eu deixei lá.  
E no meio das lembranças vou trazendo  
a esperança dos brinquedos da infância.  
E com sonhos pequeninos eu criei o meu destino.  
Hoje olho bem distante, mas já estou no caminho  
Que eu pude inventar.  
E com muita gratidão,  
Eu começo a celebrar  
E entro nesta dança de encantos de criança que me fizeram voar.

## *Senhor Inverno*

Todos os dias pela manhã o senhor Inverno saía de sua casa branca de esquina e caminhava por trezentos metros até a banca de jornal, ele fazia isso sempre as seis e quarenta e cinco da manhã, os vizinhos e os comércios de seu bairro estavam acostumados com esta rotina, e até acertavam os relógios com base nele, era comum ouvir na vizinhança:

– Pedro, vai trabalhar, o senhor Inverno já passou aqui em frente de casa, você está perdendo hora.

Ou ainda no ponto de ônibus:

– Olha lá, o senhor Inverno já saiu, e o ônibus das seis e meia nada de chegar, deviam contratar este senhor de motorista, aí sim ia funcionar direito.

Neste dia como de costume, as seis e quarenta e cinco em ponto ele sai de casa e faz seu percurso habitual, chegando na banca de jornal, o jornaleiro lhe dirige a palavra:

– Bom dia senhor Inverno, como está hoje?

– Tudo bem, vim buscar meu jornal.

– Ele está aqui como de costume, mas hoje eu tenho uma notícia para o senhor que não está neste jornal.

O senhor Inverno não gosta de surpresas ou novidades, ele é meticoloso com seu horário e com sua rotina, e aquela abordagem do jornaleiro não estava em seus planos matinais, isto por si só o aborreceu.

– O que aconteceu?

– Bom, primeiro eu gostaria de agradecer o senhor, é o meu mais fiel cliente, todos os dias, desde que eu comprei esta banca do seu Antenor, o senhor vem aqui neste mesmo horário buscar seu jornal, sem nunca se atrasar, e isso acontece por vinte anos.

O jornaleiro fala e olha para o senhor Inverno esperando uma reação, e ele nem ao menos pisca, continua esperando, e assim o jornaleiro continua:



## *Solstício da Alma*

– Sejam dias de chuva, frio ou sol, o senhor sempre vem no mesmo horário, nunca se atrasa, eu já me atrasei algumas vezes nestes vinte anos e quando isso acontece o senhor está aqui me esperando.

– O senhor já se atrasou trinta e duas vezes nestes vinte anos.

O jornaleiro olha surpreso para o senhor Inverno.

– Eu não esperava que o senhor se lembrasse de todas as vezes.

– Sim eu me lembro, e o senhor também interrompeu setenta duas vezes a minha rotina diária, contando é claro o dia de hoje.

– Me desculpe, mas é importante.

– Continue então.

– Bom, como lhe disse, sou grato, é o meu mais fiel cliente, mas a banca irá fechar, amanhã não vai abrir.

– O senhor vendeu o ponto?

– Até tentei, mas não encontrei comprador, ninguém mais se interessa por ler jornais ou revistas, tem tudo na internet, minhas vendas não são suficientes para cobrir meus gastos, e eu já sou aposentado, vou simplesmente fechar as portas.

O senhor Inverno era bem branquinho por natureza, mas ele conseguiu ficar mais branco do que o normal, quase translúcido, como se o sangue tivesse evaporado de seu corpo.

– O senhor está bem?

– Claro que não! Como vou fazer? Eu não tenho, e nem quero ter esta tal de internet, preciso ler meu jornal todos os dias.

– Bem, lamento muito desapontar o senhor, mas já estou decidido vou fechar a banca, ela só está gerando dívidas para mim, e nenhuma alegria.

– Como as pessoas não leem mais jornal?

– Elas leem sim, mas na internet, na tela de um computador.

– Uma tela de computador não tem o cheiro de impressão, uma tela de computador não pode ser usada depois de velha para forrar, não se pode fazer um aviãozinho com ela, e muito menos dobrar a mesma de forma ordenada.

Ele olha para o jornaleiro e continua:

## *Solstício da Alma*

– Ademais, não dá para recortar as notícias que são importantes, colar as mesmas nos meus cadernos, fazer anotações junto aos textos. Como as pessoas fazem hoje em dia?

– Bom, elas veem somente as notícias que lhes interessam na internet, leem os títulos e clicam naquilo que tem interesse de ler, se quiserem eles podem imprimir em casa, mas acredito que quase ninguém faz isso hoje em dia.

– Entendo, chegou a hora, meu tempo definitivamente se foi. Obrigado por me avisar, e desculpe minha rabugice, eu apenas sou metódico e gosto das coisas como elas são, nem mais, nem menos.

– Imagina, eu é que lhe agradeço, como te disse, foi o meu cliente mais fiel.

O senhor Inverno faz um gesto de agradecimento com a cabeça, se vira e volta para sua casa, andando cabisbaixo.

Depois deste dia o senhor Inverno nunca mais foi visto no bairro, a casa dele ficou sem vida, as pessoas continuavam se atrasando para ir trabalhar e o ônibus das seis e trinta chegava sempre perto das sete horas.



**Fábio Spina**  
Jundiaí - SP



## *O Kairós do Momento*

Um convite para participar de uma antologia com o nome “Solstício da Alma - Literatura de inverno” é prazeroso, porém, desafiador! O que escrever?

Considerando-se que solstício é uma fase em que as culturas antigas promoviam celebrações religiosas de agradecimento, ela é, sem dúvida, importante. O que podemos celebrar?

Mesmo sabendo que não se trata de uma antologia que versará sobre textos rebuscados e requintados, que a participação será para livres pensadores, fiquei preocupada com o desenvolvimento do texto.

Plagiando... “Minha cabeça vazia não pode pensar..”

Muitas ideias vão surgindo como relâmpagos, mas é na continuidade delas que estão as dificuldades. Escrever, só por escrever, não é bom. O texto precisa ter conteúdo.

Além da cabeça vazia, escrever algo neste momento de pandemia não é fácil, as notícias que temos recebido são tão desalentadoras que, talvez, eu não consiga passar ideias otimistas, podendo debandar para o inverso.

Para pensar e escrever algo otimista, eu precisaria de uma ajuda sobrenatural, do auxílio de alguma musa inspiradora divina!

Assim pensando, fui caminhar um pouco, olhar o céu, as nuvens e tudo o mais que a natureza nos oferece de belo!

Na volta, entrei na minha rua. Nesse momento, pensei:

– Por que minha rua? Ela não é minha!

E fiquei pensando nesses termos possessivos: minha, meu, meus, minhas...

Por que usá-los se nada nos pertence?

Lembrei-me de várias situações em que falei:

– A minha casa; – A minha chácara; – O meu carro...

Nada disso é mais “meu”, já pertence a outras pessoas...

Lembrei-me da amiga que dizia:

## Solstício da Alma

– Meu marido é nota mil!

Hoje, ele vive com outra pessoa, não é mais nota mil, é nota zero!

Meu, minha, meus, minhas são expressões com a duração de *flashes*.

O tempo vai mostrando que nada temos!

O tempo! Ah! O tempo! Ele vai acabando com tudo! Esse kronos é implacável, inexpugnável. Ninguém o compra, ninguém o detém! Um nome corretíssimo para quem, conforme a mitologia grega, por ter inveja do poder de seu pai – Urano – castrou-o com uma foice!

E foi isso que herdamos, um kronos devastador! Inexorável!

Para amenizar o enredo da crônica que, logo no início, informei que poderia debandar para o pessimismo, procurei algo mais agradável.

O termo grego kronos trouxe-me à mente algo menos apavorante, o kairós, outro termo grego.

Enquanto o primeiro refere-se ao tempo cronológico, o tempo implacável; kairós é o deus do tempo oportuno, a experiência do momento certo, que deve ser aproveitado com sabedoria para se obter sucesso. Não simboliza o passado, nem o futuro e, sim, o presente!

Assim pensando, aproveito o momento único, o kairós, oferecido para participar da antologia “Solstício da Alma” e envio esta miscelânea que compus. A intenção foi não passar ideias pessimistas, foi a de aproveitarmos o que nos é oferecido de bom. O kairós do momento!



Júlia Fernandes Heimann

Jundiaí - SP

## *O caldeirão*

Din... din... din... *Good Morning!* Din... din... din... Bom dia pessoal!

Olá, você está aí? ...dia sim... hora não... dia não... hora sim... nem sempre o sininho do grupo Medusa... (formado por três bruxas horrorosas e por dois bruxos belíssimos – está bom meu bem?)... do aplicativo de mensagens *Whatsapp*, soa matinalmente seu toque mágico: blim... blim... blom...

Onde é? Onde estamos? Para onde vamos? Uai... vem aqui, vou aí, pera aí, passe aqui... O que fazer? Com quem fazer? Não te atrevas! Como você teve coragem? Não vai me dizer que... tenho prints do blá... blá... blá..., posso provar... caramba, não é mesmo... Vichi... Barbaridade tchê!

Mas este Zap... Zap... é um caldeirão de cubos de gelo (pois agora é inverno), temperado com parcimônia, com pimentas dedo de moça e biquinho, pimentas do reino e malagueta... sem palavras, só imagens... gifs... smiles... dialogam entre si os membros do clã da feitiçaria com os joanetes na raiz de toda patifaria sobrenatural (nomes listados em ordem alfabética para não dar azia com fulano (a) ou beltrano (a) aqui deste canal: Chef, Daggo, Estrupícia, Lully e Mocréia.

Blim... blim... blom..., *Good Morning?* Mas que horas são? Caramba... em plena quarentena, isso é hora de acordar, Mocréia? Se fosse no verão ou na primavera... até o outono já passou... o inverno começou meio congelante este ano e com direito a um ciclone no sul do país... e o que vocês estão fazendo? Tomando café, Estrupícia!... Fotos postadas no Instagram e no Facebook... Vamos lá pessoal, vou listar as tarefas do dia: quem vai ao supermercado, banco, farmácia, lotérica, posto de combustível e na padoca? Eu... eu... eu... por fim, agora todos nós iremos juntos, porém, por outras vezes, partimos para esta cruzada insana totalmente desacertados!



## Solstício da Alma

E todos saem voando em suas vassouras rolantes... devidamente trajados e mascarados... os pupilos de Harry Potter se encontram para o meretrício dos ofícios dos labores cotidianos pandêmicos diários... logo mais, de volta em suas alcovas... blim... blim... blom... O que fazem por aí? Deitados? Por vezes sim, procrastinando deveres em frente à TV na Netflix ou zapeando nas redes sociais com o celular em mãos... e daí?

Que frio lá fora... um vento terrível que bagunça todo o meu lindo cabelo ruivo... sorte que a praga da nuvem de gafanhotos que sobrevoava o território argentino, teve algumas baixas e dissidências nas fileiras inimigas..., os insetos sentiram a geada do sul brasileiro e... e o quê? ...Calma, estou comendo, Daggo... E ficaram com os hermanos para tomar um mate *muy caliente*... boa dedução, Lully... pois é, não foi mesmo, mas agora me deixem... vou deitar... já estou ronronando.

Por acaso alguém tem uma receita de bolo de mandioca? Quero tomar chimarrão e comer bolo... vou enviar a receita de mamãe para você Chef... Obrigado, Mocréia... bom, eu farei um bolo de tapioca... Mas quero comer arroz doce, Estrupícia... ah sim, mas fiquei sabendo que o Chef preparou um quitute para lá de bom... o quê? Ah, é..., mas foi degustado mais rápido do que a cocção da minha receita de canjica: leite de coco, leite condensado, pau de canela e adoçado com cocada artesanal picada na ponta da faca... Muito bem, um Chef confeito, quituteiro e doceiro... *Yammy & Bon Appetit!* Blim... blim... blom...

Olá meus perversinhos de plantão, tudo bem por aí? ...estamos atrasadas, Estrupícia, já está pronta? ...sim fofa, Mocréia rainha do sado meretrício! Gente... gente... que saudade das saliências do combate corpo a corpo... precisamos de um brinquedinho para aguentar toda essa barra psicológica e física que tal quarentena pandêmica está causando em todos nós por aqui! *What? What did you say?* ...Daggo e Estrupícia, mas que abuso! Não..., não..., não Chef... não se faça de santo... pois você bem sabe que quem mais apronta depois da Mocréia é você... ah! ...está bem... o frio congela as nossas memórias aflitivas, vamos botar fogo no parquinho agora! ...chame o unicórnio e que

## Solstício da Alma

ele traga consigo um arco-íris de cores mágicas, onde encontraremos em sua base, um pote de moedas de ouro... Krav Magá... só se você ganhar na Loteria Chef... quem sabe minha criança... quem sabe... Blim... blim... blom... Atenção passageiros da Swissair com destino a Zurique (Suíça), última chamada para o embarque imediato... apresentem-se no portão G-24 e *bon voyage*...



*P.S.: ... o diálogo desta transcrição foi baseado em histórias reais, entretanto, os nomes e as circunstâncias foram alterados para evitar qualquer censura por parte dos nossos patrocinadores ou de nossas mães anunciantes.*



**David Ferreira**  
Rio Claro - SP

## *Quatro estações de amor*

Ah... primavera... que saudade me dá! Foi bem ali... em meio ao roseiral... Nosso primeiro beijo... Você colocou uma rosa vermelha no meu cabelo! Saiba que eu ainda a guardo, embora já seca, dentro da minha caixinha de música!

Ah... verão... quanta saudade tenho... nosso primeiro mergulho, naquela piscina no clube de campo! Você me ensinou a nadar! Porém me afoguei e não conseguia respirar... Aí, você fez boca a boca comigo e, então, consegui. Contudo, fiquei muito feliz, pelo seu beijo molhado!

Ah... outono... mas a saudade é imensa! Fim de férias! As folhas caídas pelo chão daquele pé de ipê, onde rolamos pela grama... longos beijos, fortes abraços... saiba que também tenho guardado algumas folhas secas que grudaram nos meus sapatos...

Ah... inverno... ai essa saudade que me mata... esse frio gelado em meu corpo e em minha alma! Hoje não o tenho comigo, você vive em outro plano... jamais virá me aquecer!

Porém, minhas estações de amor, que por mim foram tão queridas, as guardarei dentro do peito com a maior emoção!

Pois levarei por toda a minha vida e jamais serão esquecidas, até reencontrar você noutra dimensão.

**Carmen Sílvia Pereira**

Jundiaí - SP





# Um britho de sol entre as folhas das árvores



**Ana Eulinda  
Marquesim Nóbrega**  
Jundiá - SP

Silencioso, quente e úmido início de inverno.

A gota de orvalho escorre delicada e suave sobre as tímidas e lindas flores lilases e brancas do robusto Manacá do Campo, que como a uma camponesa com seu vestido plissado e florido embeleza todo o verde jardim.

Um casal de coelhinhos branco e mesclado, gorduchos e saltitantes se protegem da fina chuva na primavera carmim e saboreiam pedacinhos de cenoura deixados pela dona da casa.

Reflexos brilhantes do rei Sol começam a surgir por entre as folhas da Palmeira que acoberta toda a flora molhada, mudando os tons de suas pétalas e das folhas.

Caminhadas leves em som de estalos de pedras perdidas no chão, acompanhadas de outra passada mais rápida, mas que cheira todo o caminho do jardim, na procura de algum intruso ou de uma sobra de alimento.

Aparecem ali, para descansar e admirar a linda natureza do novo inverno, o casal enamorado carregando seu recém-nascido, protegido por uma manta de lã amarela, com o pequeno cãozinho guardião. Uma fêmea platinada Yorkshire. Cena, esta, que remete às personagens da literatura brasileira como em *Vidas Secas*: a família e seu companheiro amigo fiel.

E, eu, naquele canto, observando todos os dias, todas as horas, minutos... Vem a chuva, o temporal, sol fraco ou escaldante. Ventos fortes secos ou úmidos. Não me movo, apenas espero que alguém se lembre que estou ali para acolher e o confortar. Mas, nem todos se importam comigo.

De repente, a esperança! Ela, só ela para acalentar o pensamento daquela bela família que andava e sentia os perfumes das flores.

Foram calmamente se aconchegando em meu assento. Com pés frios e duros, os acolhi!

Um banco de ferro branco e arabescos franceses, os abrigaram e os acomodaram como a mais caridosa alma humana pudesse amar!

## Pandêmico



**Márcio Martelli**

Jundiaí - SP

Às vezes, a vontade de chorar extrapola todas as outras vontades. E ela vem de uma forma, ousou dizer, espontânea, como se debulhar-se em lágrimas fosse uma coisa totalmente normal. Será que choro de tristeza, de alegria, de nervoso, de contentamento, de ter sido ignorado... por que será que esse choro vem?

Alguns dizem que é o momento, a pressão, a forma como tudo está se apresentando. Ficamos vendo as pessoas indo embora, viver outras vidas, outras realidades e ficamos pensando na nossa vida, no nosso mundinho, tão pequenino... um grãozinho de areia no universo.

Eu que morro de medo de estar em uma ilha, pois sempre acho que o mar vai invadir e alagar tudo, fico pensando, como posso não me sentir inseguro sabendo que na nossa vasta galáxia somos menos do que um buraco de agulha?

São mistérios. Sentimo-nos tão imponentes dentro deste minúsculo planeta. Somos tão donos de tudo e de todas as coisas. Prepotentes, senhores da situação... e não somos nada. Nunca seremos nada. Só temos sonhos. E nem todos se realizam.

Então, talvez, as lágrimas tragam-me um conforto. Elas querem me dizer que se preocupam comigo e com a minha vida. Explicam-me que embora tudo pareça fora de ordem e de lugar, há uma ordenação que me passa despercebido. Um ponto de vista que não me é permitido saber para que o mundo se organize e se reconstrua.

Mesmo assim, acabo chorando e tudo vai se limpando dentro de mim. Como se cuspiisse essa mágoa para longe sem contaminar ninguém. Acredito que quando se esvai na forma de lágrimas é porque algo se purificou e, assim, fico leve. Quase podendo voar.

E voar é o meu sonho desde sempre. Sempre quis ser Peter Pan. Voar com os bons pensamentos que a vida me proporciona. Ser uma folha flutuando... um pássaro... e atravessar oceanos. Livre! Porque a vida só vale a pena se formos livres. Como o vento. E como diz Pessoa: *“as vezes ouço passar o vento; é só de ouvir o vento passar, vale a pena ter nascido.”*

*Pela web*

Veze em quando troco confissões  
Que vagueiam pelas nuvens  
Ao encontro de outro alguém  
Amores de outras vidas  
Paixões desses tempos atuais  
Mas são somente suspiros desgovernados  
Que viram poesias soltas  
Ou textos desleixados e esparsos  
Esparramados e compartilhados  
Por outros que assim como eu  
Também sofrem dessa imensa angústia  
Que é ser feliz



**Márcio Martelli**  
Jundiaí - SP



## Solstício da Alma

# Não saber

Você pode ser o barco  
Teseu ou o Minotauro  
Medusa e Plutarco  
Platão e Xenofonte

Ninguém na Ilíada  
A vida ao barqueiro  
A mudança no imutável  
O não do aceitável

A Alma não é o ego  
O morto num castelo  
O rei não é o cavalo  
A carta, eu a selo

Temos o poder e a dor  
As alegrias e agruras  
O fedor e o perfume  
A candura e o betume

Preciso saber quem sou  
Pensar tudo que sei  
O que vi e senti  
O que desejei e prometi

Os calos, as rugas da vida  
Sonhos, sensações  
Trabalho, estudos  
Projetos, família

O medo e a coragem  
Várias vidas, uma viagem  
Diversas estradas, um caminho  
Introspectivo, nunca sozinho

Na felicidade sob circunstâncias  
Virtudes, defeitos, prazeres  
Alegrias, vontades, desesperanças  
Disciplinas, dogmas, instâncias

As sendas, a calma  
O transtorno e o caos  
As trevas e a luz  
A ferida e o pus

A fome e minha gula  
A luxúria e a vaidade  
O que é permitido e pecado?  
É ação, desejo, humildade

Entre o céu e o inferno  
Entre o mar e a Terra  
Entre a verdade e a mentira  
Entre o trouxa e a malícia

Percorro e não entendo  
Parecendo já saber  
Que aquilo que aprendo  
Está em mim desde o nascer



**José Felício**

**Ribeiro De Cezare**

Jundiaí - SP

## *Quartzo Rosa*

O vento frio lá fora,  
deixa mais quente seu abraço.  
Ele que é tão forte de amor e sabedoria  
que envolta do meu corpo pequeno,  
aperta uma doce magia.

Aquece meu coração junto ao teu peito,  
enriquece minha alma nesse macio leito.

Estações passaram para que eu estivesse pronta,  
leve do branco inocente ao quartzo rosa.  
De menina moça, a mulher púrpura,  
nem anjo, nem má, mais serena aprendiz  
que aos meus pés se entrega.

Florescemos!  
Regados por lágrimas,  
plantados em jardins separados,  
semeamos maturidade  
e germinamos novos grãos.  
Dentro de um vaso cheio de amor  
eu quero estar,  
enraizada com você pelo resto da vida morar.



**Evelyn de Assis**  
Jundiaí - SP



## *As horas*

Somos fósforo  
Queimamos agora  
Queimaremos depois

Mas as cinzas  
Que deixamos para trás  
São lindas  
Muito mais do que cinzas  
São as horas  
Que choraremos depois



**Arthur Cosin**  
Jundiaí - SP

## *Em frente*

Você continua mastigando o amargo da nostalgia?  
Eram horas sagradas, dias dourados  
As cores já não têm mais a mesma magia  
Somos afogados, para sempre ancorados

Alguma vez já se perguntou?  
Em que ano as luzes começaram a morrer?  
E os ponteiros do relógio a matarem o que restou?  
Não há mais tempo a perder



Ele

Sentada ao lado de uma caixa etiquetada Viagens, admirava um porta-retrato antigo. Na foto, eu estava sorridente e com os braços abertos, no meio da praia. Instantaneamente, lembrei-me exatamente do motivo do meu sorriso, ele tinha nome e sobrenome, e era o ser mais belo que já conheci.

Na noite anterior a da foto, fui realizar meu sonho de conhecer minha banda favorita na época. O local do show era fechado e apertado, me senti uma vip; enquanto a música rolava, os casais se amavam e os solteiros curtiam com outros solteiros, me vi com sede e faminta, logo, fui atrás de algo para comer.

Assim que chego no balcão, me apoio sobre os cotovelos, cansada, porém feliz; peço uma... O que mesmo? Ah sim! Água com gás, e fico à espera das batatinhas.

De repente, algo me diz para olhar do outro lado, e quando o faço, me deparo com ele. Troca de olhares, desvios de olhares, sorrisos soltos e zás! Amor à primeira vista.

Eu, corajosa que sou, puxei assunto; ele aceitou numa boa as minhas doideras. “Que bom!” – pensei –, pois o papo dele era mais doido ainda. A música era alta demais, mas não o suficiente para ocultar nossa conversa, que durou a madrugada toda.

Até hoje me pego pasma quando me recordo com carinho desta história... “Ironia do destino!”

Sou medrosa, tenho medo de assim que a velhice chegar, acabar esquecendo desse dia; mas quando tenho esse medo, procuro repassar em minha mente, o fato de que ele vai estar todos os dias participando do café da manhã que preparo, me lembrando dos detalhes daquela noite, e até do meu pedido... Ah, me esqueci novamente, qual era mesmo?... “Batatinhas e água com gás!” – gritou ele da cozinha.



**Laura Silva**  
Jundiaí - SP

# Calor no Inverno



**Flavia Cunha**  
Jundiaí - SP

Que noite escura!  
Que vento gelado!

O mendigo caminha  
Pela extensa avenida  
Já desesperado

Apenas veste  
Uma calça surrada  
E leve camiseta

Nos pés uma sandália  
Tão gasta e carcomida  
Que escorrega na sarjeta

Pensa que a morte  
Deveria levá-lo  
Com o sopro do vento

Mas depois se arrepende  
Pede a Deus perdão  
Por esse pensamento

Mas... que surpresa!  
Num carro a seu lado  
Com o vidro baixado  
Alguém lhe oferece:

“Boa noite, senhor  
Aceita um agasalho  
E uma sopa bem quente?”

O mendigo estremece  
Pensa estar sonhando  
Pensa estar demente!

Na noite escura  
De vento gelado  
Ele entra no carro  
Timidamente

O policial sorri  
E espera que coma  
Segurando a colher  
Com suas mãos trementes

O mendigo soluça  
Misturando à sopa quente  
Lágrimas de gratidão

E abençoa o rapaz  
Por sua bondade  
E consideração



## *O viável*

O Sol nasceu forte  
Dando todo o calor  
Buscando a nossa sorte  
Trazendo o belo amor.

Não fingi, não implorei  
Acordei ao amanhecer  
Mereci, pois trabalhei  
Fiz algo para favorecer.

Parece que eu sabia  
Ser feliz é bom demais  
O pão nosso de cada dia  
Vai trazer a grande paz.

No cotidiano das atividades  
As pessoas fomos amar  
Semeando palavras e verdades  
Na obrigação fomos mergulhar.



**Dalton Luiz Sibinel**

Jundiaí - SP

## *Puro êxtase*

Uma andorinha – verão não faz  
O maracujá – a tensão acalma  
Sua presença – eu quero mais  
Você faz bem para minh' alma.

Ser divertido até enobrece  
Para atender a linha do futuro  
Ajuda de um amor amadurece  
Você ser o meu porto seguro.

Destino com a fidelidade  
Conduta – a marca confirmada  
Amar em uma prosperidade  
Por cada harmonia refinada.

Nos seus braços vou adormecer  
O carinho não vai faltar  
Avançando no amanhecer  
E não tem hora para chegar.





*No meu tempo assim era*

Ah... meu tempo  
No meu tempo de criança...  
As montanhas eram gigantes adormecidos  
Cada vaso de planta, um universo de seres mágicos  
Invisíveis  
Invisível como é o tempo  
Que passa por nós levando o que há de bom  
E o que há de ruim.

O tempo passa  
O meu tempo, o seu tempo, o nosso tempo  
O tempo não é meu, não é seu e não é nosso  
Ele não existe, mas insistimos em criá-lo,  
Perdê-lo, gastá-lo, investi-lo, vendê-lo.

No meu tempo era assim  
O tempo passa, leva e também traz:  
Alegrias, sonhos, dores, tristezas, aprendizados...  
Amor.

O tempo é o que dele fazemos  
Mas, se não existe, como dele faremos algo?  
Talvez só ele, somente ele, faça algo...  
Conosco!

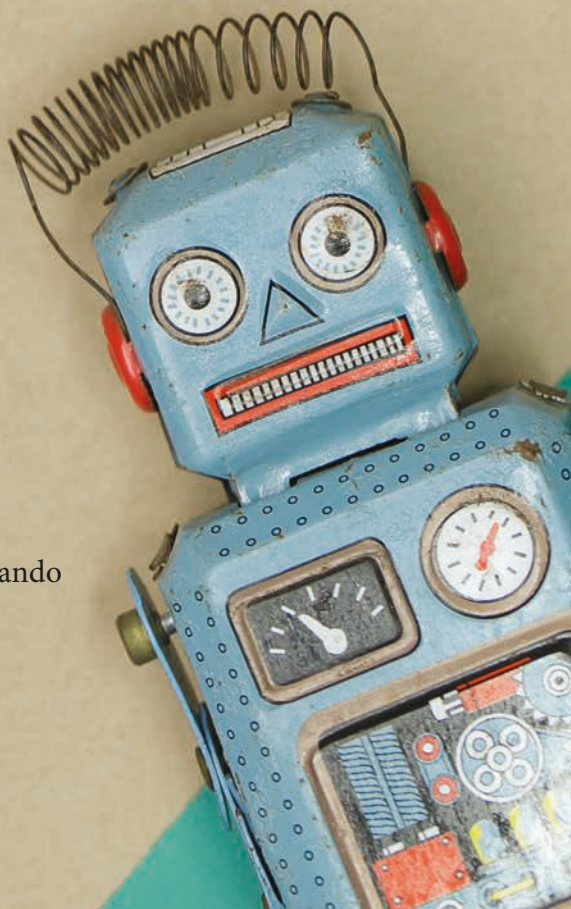
## *Solstício da Alma*

Você não é a mesma pessoa das lembranças  
As lembranças não são os acontecimentos  
Culpa... do tempo!

No meu tempo era assim  
Ou achava que assim era  
Era, mas não é mais, é!  
O passado, um futuro em esquecimento  
O futuro, meu próximo e nostálgico passado  
Meu presente... a vida, que logo passará.

No tempo, entre passado e futuro,  
O agora  
No meu tempo era assim  
Assim como?  
No meu tempo é assim  
Assim como?  
No meu tempo será assim?

No meu tempo, se foi ou é agora?  
O meu tempo... não é meu  
Apenas tempo...  
Passando, levando, trazendo, deixando.  
Sem existir, talvez como nós por aqui...  
Apenas passando, levando, trazendo, deixando  
Sem possuir, sem existir, mas  
Existindo  
Insistindo em ter, ser e fazer.



## *Solstício da Alma*

“No meu tempo era assim...”  
Do jeito que me lembro  
Ou como quero me lembrar?  
Não me lembro, mas o que lembro  
É o que quero como lembrança  
Seja ela boa ou ruim  
Foi o que o tempo me legou  
E aceitei  
Aceitei por querer que assim fosse?  
Ou aceitei por não ter forças para lutar?

Somos maiores que o tempo!  
Somos?  
Não existimos, assim como ele  
Mas se temos consciência dessa não existência  
Ele também a terá?  
Ou acha que é maior que nós?  
Por nos perceber como inconscientes de nossa condição?

Do tempo não podemos fugir  
Mas ele escapa entre nossos dedos  
Corremos dele, corremos para ele  
Caímos em seus braços  
Dormimos, acordamos, e,  
Novamente  
Estamos atados a ele.

No meu tempo era assim...  
No meu tempo é assim  
Do jeito que quero  
Para quando dele me lembrar  
Seja o melhor que eu puder criar!



**José Felício  
Ribeiro De Cezare**  
Jundiaí - SP





## Folhas secas

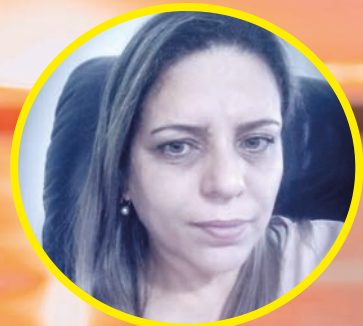
Gosto de ficar olhando  
Aqueles folhas secas  
Rolando pelo chão  
Gosto da cor do inverno  
Sobre meus cabelos  
Confesso! Já fui feliz em tantos invernos!  
Pudera!  
Vim ao mundo bem no meio de um deles!  
Gosto do azul noite  
Do céu estrelado  
Da fumaça que embaça  
As janelas do meu quarto bem de manhã  
Admiro a moda *démodé*  
Dos casacos de antigamente  
Retirados do armário  
E para usar de franqueza  
Gosto de dizer que sinto  
Falta daquela areia quente  
Que queima a sola do pé da gente  
Em pleno verão



Ivonete Piccinato de Freitas  
São Paulo - SP

Nesse inverno  
Tem muita gente gostando  
De toda aquela  
Gente juntinha  
Falando de amor  
Declamando poesias  
Por tantas e tantas telinhas  
E vou falar que  
Gosto da lenha queimando  
Fazendo tudo virar brasa  
Queimando vaidade  
Aproximando as amizades  
É gostoso sentir o frio da alma  
Que se aquece debaixo do cobertor  
Gosto dessa gente toda contente  
Que festeja os santinhos de junho  
Em festa do interior





**Kelli Lima**  
Jundiaí - SP

## *Tudo passa*

Tudo é passageiro!  
A noite passa  
O dia passa  
A dor passa  
O sofrimento passa  
O desejo passa  
O amor também passa.

Tudo passa  
Mas só você pode escolher...  
Deixar passar?  
Ou transformar?

Deixe a noite virar dia.  
A dor, alegria  
O sofrimento em euforia!

Restaure o desejo  
Reascenda o amor!!

E mesmo que tudo passe...  
Sempre haverá um bem posterior!

## *Homens com T*

Ei, quem é você?

Ou melhor

Quem você pensa que é pra vir me dizer quem eu sou ou deixo de ser?

Você realmente me conhece ou só sabia meu nome?

Saber o que está escrito em um pedaço de papel

não dá o direito de se intrometer na minha vida

Eu não estou confuso

Isso não é só uma fase

Genital não define gênero

Aceite essa realidade

Se isso fosse uma escolha

Eu escolheria não sentir a dor da rejeição,

escolheria não sentir tanto preconceito, eu escolheria não ser discriminado

Eu escolheria ser normal

Só não ver se afastando aqueles que eu confiava

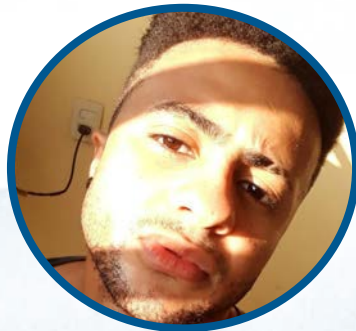
e que me prometeram sempre estar ao meu lado



## *Solstício da Alma*

Eu não preciso ter barba  
Não preciso deixar os pelos da minha perna crescerem  
Não preciso falar grosso  
Pagar de durão  
Usar roupas largas  
Ter cabelo curto  
Ou gostar de mulher  
Ser homem vai muito além desses detalhes superficiais  
Não é sua aparência, alguns aspectos físicos  
ou a sua sexualidade que diz quem você é  
O que define isso é a sua alma, a sua essência

Eu não sou e nunca quis ser igual a você,  
você se orgulha em ser homem com H  
e eu me orgulho em ser homem com T



**João Daniel**  
Jundiaí - SP

## *Que incrível estar entre os iguais*

Vivemos atualmente tempos obscuros, em que uma pandemia nos fechou em casa e nos afastou de todos, nos proibiu de encontrar familiares e amigos, limitou nosso trabalho e forçou um convívio familiar intenso, fazendo com que conhecêssemos de perto o pensamento e as vontades daqueles que vivem conosco. Não que não soubéssemos, porém, com vinte e quatro horas lado a lado, cada ideia que surge, cada comentário emitido nos noticiários, cada novidade vista nas redes sociais passa a ser motivo de longas conversas, e por vezes, discussões.

Mas também tem um lado positivo... conseguimos conhecer, ainda que não vivendo lado a lado, os nossos amigos e colegas, aqueles que antes encontrávamos apenas em festas, jantares, confraternizações. Obviamente nestes locais todos estão arrumados, maquiados, educados, felizes, portanto, sem motivos para qualquer desentendimento ou conversas tão acaloradas (a não ser que algum deles se exceda no álcool).

Mas desde que a tal Covid-19 chegou ao Brasil e fomos obrigados a deixar de frequentar tais lugares e nos isolarmos em nossos lares, só temos contato com nossos amigos através de mensagens pelo Whatsapp, Facebook, Twitter, Instagram, Youtube ou algo que o valha. (Penso neste texto daqui algumas décadas... possivelmente será hilário para as próximas gerações pensar que vivíamos apenas com estes aplicativos). E são nestes momentos que percebemos como muitos amigos, mas muitos mesmo, não são exatamente aquelas pessoas que pensávamos ser, pois se colocam diante da situação de maneira tão diversa daquela das festas... e tudo bem também, cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é. Mas, às vezes, não cabem mais na vida da gente. Afinal, o objetivo não é ser feliz? Estar com pessoas que nos fazem bem? Que nos tragam alegria por pensarem como nós? Ou se não pensarem, que ao menos respeitem nossa maneira de pensar e agir, não? Percebemos tantas amizades serem desfeitas nestes tempos. Verdade que alguns eram apenas “amigos de face” ou “amigo do insta”, mas ainda assim, já não cabem mais nas nossas páginas.

## Solstício da Alma

Incrivelmente, a nova modalidade utilizada diariamente nas redes sociais (antes já usada, mas depois da quarentena, extremamente bem explorada), a tão conhecida “live” trouxe para perto aqueles que têm histórias parecidas, aqueles que se reconhecem na vida do outro, os “iguais”. Iguais não no sentido estrito, mas no sentido lato, pois não são chamados iguais apenas aqueles que fazem tudo igual, mas aqueles que pensam ou agem da mesma forma. E se acompanharmos uma “live” veremos que quem tem interesse em participar ou apenas acompanhar, tem afinidade com o assunto ou com os participantes.

Na live “Diálogos Poéticos IV – Identidades Poéticas - Diversidade” (disponível no Youtube, pela Editora In House, no dia 19 de junho de 2020), por exemplo, eram nove pessoas unidas pelas mesmas ideias, mesmos ideais, mesma causa. Independente de serem pessoas cisgêneras, transexuais, gays, lésbicas ou heterossexuais, ali, o que realmente importava era o respeito e a conscientização das pessoas acerca de suas nuances individuais.

A arte, quando ali representada através da música, brilhantemente interpretada por vozes femininas, nos traz uma reflexão sobre várias canções que alguns reproduzem sem que se deem conta que tratam-se de amores entre pessoas do mesmo sexo. Apenas cantam... E então temos, além das apresentadas, algumas inesquecíveis, tais como: *Calúnias*, de Ney Matogrosso. Quem não se lembra, anos atrás, de ouvir aquelas piadinhas próprias da época, por conta do refrão “Telma, eu não sou gay”. E Cazusa, quando escancarou sua orientação sexual na música *O tempo não pára* e dizia: “te chamam de ladrão, de bicha, maconheiro”. A repercussão foi aquela... afinal lidávamos à época com a chegada da AIDS. Temos ainda o refrão das Paradas LGBTI, tão atual hoje em dia, mas que vem de 1975, quando Milton Nascimento, em sua música *Paula e Bebeto* já nos ensinava que “qualquer maneira de amor vale a pena”. Lindo, tão necessário ser proclamado e celebrado. E, embora não tenha feito o mesmo sucesso, a Marchinha de Carnaval da Banda Tribalistas *Joga Arroz*, homenageou a decisão histórica que permite o casamento homoafetivo no Brasil cantando “pode chegar para celebrar o casamento gay... Maria com Marieta, Sansão com Bartolomeu...”. E outras tantas são importantes neste universo.



## Solstício da Alma

O que não é privilégio da música, uma vez que, se pensarmos nos filmes, não é raro encontrarmos pessoas que embora tenham adorado determinada película, sequer perceberam que o casal protagonista não se tratava de amigos/as, tais como em *Tomates Verdes Fritos*, onde a célebre frase “Ela é minha amiga e eu a amo” não deixa dúvidas sobre o amor entre duas mulheres. Sobre os filmes há uma variedade muito grande dita nesta *live* comentada acima, uma vez que, como todos ali são referências no tema, as sugestões foram de A a Z. Um filme imperdível para quem gosta de amor, é *Elisa e Marcela*. Essas duas corajosas mulheres, se casaram na Igreja (por ironia do destino, no dia do meu aniversário: 08 de junho, mas em 1901) na Espanha, sendo este o único casamento lésbico que se tem notícias até os dias de hoje. Evidente que enganando a Igreja, mas até hoje não foi anulado o casamento de ambas. Outros que não podemos deixar de comentar e ver são: *A garota Dinamarquesa*, que se passa na década de 20, primeiro caso noticiado sobre a cirurgia de uma mulher transexual. Ainda o brasileiro *Hoje eu quero voltar sozinho*, com uma narrativa diferente mostrando um jovem cego que percebe estar gostando de um colega de classe. E ainda *Me chame pelo seu nome*, um clássico que se passa na linda Itália, onde mostra a pureza de um jovem se descobrindo e desejando um outro homem.

Impossível hoje não falarmos de séries, atualmente tão vistas em todo o mundo. Ver Jane Fonda, Lily Tomlin, Martin Sheen e Sam Waterston trazendo no alto de seus setenta e tantos anos de idade, na série *Gracie and Frankie*, tanto enfrentamento por conta do amor, nos dá esperança de um mundo sem preconceito. Enfim, uma lista que não teria fim, uma vez que o tema, vagarosamente, vem deixando de ser tabu nas telas de cinemas e vem conquistando o público.

Mas nesta *live*, a arte também perpassa pela poesia e pelo poema, tão bem interpretados pelo jovem trans não binário e pela doce mulher. E ali se percebe claramente as dores e amores de quem vive na pele a dura realidade da exclusão pela cor da pele, da orientação sexual e da identidade de gênero diferente do padrão hetero cis normativo. As poesias comovem, justamente porque despertam sentimentos que até então estavam quietos e guardados em cada um de nós. Mas, ouvindo pessoas sensíveis como estas, declamando seu amor e seu sentimento, faz-nos pensar o

## *Solstício da Alma*

quanto não podemos mais ficar de braços cruzados e sim, a necessidade de arregaçar as mangas e lutar por toda forma de amor. Afinal, já dizia Marthin Luther King: “O que me preocupa não é o grito dos maus, mas o silêncio dos bons”.

Enfim, de tudo isso o que me deixa muito agradecida é saber que esta pandemia trouxe para mais perto os iguais. As pessoas que estavam “soltas” agora estão se agrupando, talvez por conta do isolamento em casa, talvez por conta das “lives” ou até pelos conteúdos que têm sido disponibilizados na internet. Mas temos feito novos amigos e estes sim, são aqueles que pensam como nós, que agem como nós, que acreditam no que acreditamos e que lutam pela nossa luta. E isso não tem preço! Sigamos juntos enquanto esta pandemia continua. E assim que ela se for, que estes encontros com estes novos amigos aconteçam. E que dure para todo o sempre!

*Dedico este texto a uma amiga que acompanha todo o meu trabalho à frente da Assessoria de Políticas para Diversidade Sexual, sendo ela uma mulher hétero e cisgênera. Acompanha as “lives”, fotografa, comenta e vai onde eu estou... há muitos e muitos anos. Selma Helena Contesini, uma amiga há quase cinquenta anos. Obrigada por estar na minha vida desde sempre e para sempre! Te adoro!*

*Evidente que não poderia deixar de falar da minha filha Giovanna Burns Agria e sua esposa Krissie Burns Agria, que além de acompanharem as “lives” me fizeram entender e amar toda a comunidade LGBTQI+ de uma forma ímpar. Tiraram a venda dos meus olhos para o preconceito e para o amor! Só tenho gratidão e amor a oferecer a vocês para todo o sempre! Amo vocês!*



**Kelly Cristina Galbieri**  
Jundiaí - SP

## *Inverno, pandemia e saudades!*

O inverno já é uma estação que inspira reflexão e às vezes até induz introspecção, pelas circunstâncias próprias do seu clima. Agora com a pandemia, em isolamento social, a questão que se ressalva diz respeito a distância dos amigos, dos entes queridos, dos passeios e tantas coisas mais e que melhoram nossa qualidade de vida. Então, resolvi mudar o foco. Ver a questão sobre outro aspecto, nem tão triste, nem muito alegre. Apenas divagar sobre o assunto saudade.

A palavra é de origem latina, do vocábulo “solitatem”, que quer dizer solidão. Mas em nosso país ela adquiriu um significado bem mais romântico. Dispõe o Dicionário Aurélio que “Saudade é substantivo feminino. Lembrança nostálgica e, ao mesmo tempo, suave, de pessoas ou coisas distantes ou extintas, acompanhada do desejo de tornar a vê-las ou possuí-las; nostalgia”.

Sabemos que relembrar é viver e a saudade nos transporta para um tempo em que fomos mais felizes, trazendo, muitas vezes, lembranças doloridas como a ausência de criaturas diletas; a perda de pessoas que amamos ou estimamos e o rompimento de relações amorosas ou amistosas. Mesmo nessas circunstâncias, há quem acredite que é necessário senti-la para renovar a chama. Talvez algumas pessoas, ao vivenciá-la acabem reafirmando a existência e a veracidade do sentimento que possuem. E este sempre foi tema de músicas, poemas, filmes e não há quem já não o tenha sentido.

Efetivamente temos saudades de seres humanos, de animais de estimação, de momentos, de situações e de lugares. Sentimos falta de tudo o que nos faz bem. Charlie Chaplin, com muita propriedade, afirmou: “Sorri quando a dor te torturar e a saudade atormentar os teus dias tristonhos vazios”. Luis Fernando Veríssimo escreveu: “Não deixe que a saudade sufoque, que a rotina acomode, que o medo impeça de tentar”. Vinícius de Moraes e Tom Jobim



## Solstício da Alma

cantaram a saudade dizendo: “Chega de saudade, a realidade é que sem ela não há paz, não há beleza é só tristeza e a melancolia que não sai de mim, não sai de mim, não sai”.

Raul Seixas fez uma música *Hoje é o dia da saudade*: “Hoje é feriado é o dia da saudade /Hoje eu vou beber para celebrar /O aniversário de seu Gaspar /Deve ter festa em algum lugar...”. E os sertanejos, são experts no tema: “Por Nossa Senhora, meu sertão querido, vivo arrependido por ter deixado. Esta nova vida aqui na cidade, de tanta saudade, eu tenho chorado”.

Assim, no período do coronavírus, por mais difícil que seja, procuro amenizá-lo com boas lembranças, temperando as notícias tristes com recordações de convivência fraterna, afetiva e social, tão importantes à nossa realização como seres humanos e revelam o quanto é relevante mantermos laços amistosos durante a vida, através de fotos, pensamentos, telefonemas, redes sociais e outros meios de comunicação, principalmente Skype. É a continuidade da nossa presença no espaço, a esperança da manutenção de um legado histórico e a preservação de tradições, tão necessários à consolidação de nossa cultura geral e harmonizada em torno do bem comum. Vamos com certeza, na pós-pandemia procurar por uma convivência mais solidária, aspecto benéfico ao nosso amadurecimento espiritual, consolidando projetos que tentem alcançar a felicidade coletiva, tirando inclusive nosso país de um quadro extremamente grave, onde persistem atos de violência, corrupção e impunidade, superando um quase contínuo quadro de desesperança.



**João Carlos José Martinelli**

Jundiaí - SP

# *Na noite mais longa do ano*

Nesta noite mais longa do ano estou aqui.

Na companhia das salamandras que a todo o momento mudam de forma na fogueira que enche de quentura meu corpo estático como o de um urso que hiberna.

Sim, é tempo de hibernar, de sentir, de olhar para dentro de si, de abraçar sua criança e niná-la com doces canções e afagos intermináveis.

Mergulho dentro do meu ser e lá me encontro com o seu...

E nesta noite fria e nas outras que ainda virão me sinto apaixonadamente acolhida!

Hiberno sim dentro de minhas dúvidas, da minha ânsia pela vida, por mais um ano, por mais um copo, por mais um beijo... por mais você.

Meu corpo cálido migra para longe da fogueira e o ar gelado me faz ainda mais te querer.

Volto pra perto das salamandras e novamente aquecida lembro-me de seu abraço e beijos quentes...

Onde estás?

Que fogueira está a aquecer que não seja aquela que por diversos solstícios de inverno embalou nossos sonhos e desejos de futuro?

Não sei...

Aguardo...

Como o urso que hiberna...

Sem mais um copo, sem mais um beijo, sem mais você!



**Marta Corrêa**  
São Paulo - SP

# *Cinzas da alma*

Encontro um aconchego  
No silêncio da alma  
Na aridez do espírito  
Necessito de um chamego  
Não é só o meu corpo que dói  
A alma sente dores alucinantes  
Necessito desse Inverno  
Para a minh'alma sossegar  
Os meus sentimentos estão em plena ebulição  
O espírito divaga num vai e vem incessante  
Mostre-me o bem  
Para um bem  
Esse bem que na alma se perde  
Que no espírito me faz renascer  
Nesse Inverno da minh'alma  
Vou colhendo as flores de uma Primavera qualquer  
E as ofereço ao meu espírito  
Caído  
Desmilinguido  
Arrebatado  
Esperando por um calor  
Daquele que transforma  
Madeira em brasa  
E das cinzas brotarão  
Uma nova vida



**Ivonete Piccinato de Freitas**  
São Paulo - SP





## *Canson a Fine Pen*

O Lápis desliza sua maciez sobre a partitura,  
cores, formas, emoções representam sua ternura.

Ôh, linda pele negra!

Despertou em mim o desejo,  
me ensinou sobre o amor.

A menina desajeitada e não reconhecida,  
ganhou alma de mulher e perfume de flor.

Eu inocente estudo a anatomia das letras  
pensando na melhor decoração,  
você com sua simplicidade de “arte + música = amor”,  
faz a melhor combinação.

Dedilha sua composição inacabada,  
quando virá a gérbera rosa tão esperada?  
A sua paixão pelo violão inspira de mim todo borrão,  
hoje transformado em letras, abro para o mundo meu coração,  
e se torna doce a tinta que em minhas veias correm,  
pois a arte e música em nós nunca mais morrem.



**Evelyn de Assis**  
Jundiaí - SP



## *Joaninha... inha*

Não tem tamanho  
Mas quer brigar...  
É muito brava, melhor  
deixar pra lá...  
Por qualquer coisa  
ela se irrita, e aí fica  
mais bonita...



**Evandro Fernandes da Silva**  
Jundiaí - SP

Vive entre as flores,  
sonhando com o dia de amanhã  
A joaninha é uma anã  
Escreve poesias, canta  
e dança – é uma artista  
que não se cansa  
É poliglota, fala inglês,  
francês, javanês e mandarim  
Só tenha cuidado  
para não pisar no seu jardim.



**Kelli Lima**  
Jundiaí - SP

## *Infância*

Quem me dera ser criança,  
recordar os tempos de infância,  
resgatar nas lembranças  
os momentos sem cobrança  
onde a felicidade tinha o seu lugar.

Pularia amarelinha.  
Brincaria de pega-pega e corre-cutia.  
Correria atrás das folhas carregadas ao vento  
e da pombinha pelo parque a passear.

Do algodão-doce eu provaria  
sem me importar se as mãos ou a roupa eu sujaria.  
Subiria na árvore mais alta  
para ver a grandeza do mundo a minha volta.  
E quando o dia chegasse ao fim,  
dormiria embalado pelos sonhos que carrego em mim.



## O circo...



**Jefferson Dieckmann**

Curitiba- PR

No circo do mundo

Imensa lona

Grande picadeiro

Eu

Marionete da vida

Me jogo

Sou jogado

Me apresento

Sou atirado

Escolho trajes

Escolho papéis

Escolho roteiro

Toda a vida

Todo dia

O dia inteiro

O que fui ontem?

O que sou hoje?

Malabarista!

Pratos

Argolas

Equilíbrio

Não deixo a vida cair...

Palhaço!

Risos

Caretas

Sorrisos pagos

Cara pintada

Calça folgada

Alma perturbada

Passo o pé na tristeza...

Domador!

Chicote

Botas

Cadeira

Domesticando decepções

Chicoteando situações

Aquietando depressões...

Trapezista!

Voando

Saltando

Flutuando

Sem rede

Sem asas

Sem proteção...

Mas

Por quê?

Quem manda?

Quem ordena?

Estar à mostra

Estar no centro

No holofote

No picadeiro

Penso

Reflico

Busco

Insisto

Ser nesta farra da vida

Apenas

E tão somente

O pipoqueiro!

## *O frio da serra*

Remota possibilidade de me aquecer nesta noite,  
O frio que faz é coisa séria...  
É frio de gente grande.

Todavia o colo desejado remonta ao passado,  
Cafuné idealizado aquece a memória  
De quem outrora vivia apaixonado.

Poeta confuso... atormentado  
Sente falta do que almejava entorpecido  
Por sabores e saberes e perfumes e temores.

O frio congela o fluxo da paixão  
E as palavras caem aleatórias em masmorras  
Metafóricas — túmulos da ilusão.

Agenda sempre lotada impede dedicação  
Ao poema prometido, sem propósito,  
Material compósito sem conexão.

Avassalador fenômeno surreal  
Inibe atitudes sutis de conquista e sedução  
Porém fortalece quem se aquece em ambiente natural.



**André Argollo**  
Campinas - SP

## *Solstício da Alma*

### *90 Dias*



**Susana Bueno de Souza**  
Jundiaí - SP

O bater do portão parecia o de sempre.  
Não quis olhar pra trás  
Algo ali insistia em me dizer que tudo ia mudar.  
Não era o simples silêncio da rua,  
Nem a ausência de pessoas na calçada.  
Era um sentimento de verdade a me angustiar.

O dia seguinte a se preparar  
Um trabalho para reinventar,  
Rotina distinta, almoço a preparar.  
Filho se organizando pra casa voltar  
Outro filho dormindo um pouco mais  
Sua escola também ia mudar

Primeiros dias rápidos a passar,  
Grande agitação,  
Tanta arrumação  
Tantos novos afazeres,  
Notícias o dia todo a borbulhar,  
Ainda parecia um mundo distante ao meu olhar.

Passaram dias  
Rolaram semanas  
Primeiro mês veio rápido a se findar.  
Uma nova consciência a brotar  
O mundo em casa  
Descobrimo o valor de um Lar.



## *Solstício da Alma*

Alegrias estranhas  
Encontros novos a se formar  
Vi minha profissão rapidamente se modificar  
Ganhos a comemorar.  
Aprendi a aceitar.  
Dois meses veio a se completar.

Hoje bati novamente o portão  
A rua já não estava tão silenciosa  
Mas algo disparou meu coração  
Olhei na agenda  
Noventa dias do silêncio inicial  
Liguei o carro, acelerei, precisava retornar.

As lágrimas vieram a brotar,  
Na roupa que outrora iriam molhar  
Agora havia uma máscara para encharcar.

## *Notivagações*



**Thaty Marcondes**  
Jundiaí - SP

Na madrugada vadia,  
o frio faz rima  
e a presença se faz distante.  
Apenas minha telinha acesa e,  
sobre a mesa,  
um cigarro teimando a fumaça.  
Passa, passageiro sem trem,  
embora, ao longe, ele apite  
nesta pequena grande cidade,  
onde hesitei morar.

Verdes, os campos,  
sem mais trilhos  
onde o trem possa passar.  
Onde habita meu corpo,  
minha alma, intranquila,  
que persiste em não parar?  
E vagueio mundo,  
corro imagens, vivo sons...  
Não, não posso parar!

Sem a estação, sem bilheteria,  
sem condutor, sem nome,  
o trem da memória continua a vagar.  
Persistem as horas: ponteiros infames!  
O tempo (às vezes) não devia passar...  
Quisera madrugadas eternas,  
quisera eu mesma nunca passar!



## *Superando expectativas*

Cansei de ouvir as pessoas dizerem  
“Você vai se arrepender”  
“Não faz isso com você”  
“Mas seu nome era tão bonito”  
Poucos se importam com como eu me sinto  
É mais fácil apontar, criticar, julgar  
Agora ajudar...

Quem tá de fora não entende  
Só quem passa é que sente  
Que sabe o quanto dói  
O quanto uma palavra te destrói  
O quanto é difícil acordar no outro dia  
sabendo de todo sofrimento e agonia  
Que é viver...  
Que é ser...  
Você

Só eu sei o que passei  
Quantas marcas eu ganhei  
O quanto foi difícil chegar aonde eu cheguei  
Eu chorei quando tudo parecia que ia dar errado  
Eu sorri a cada novo objetivo alcançado  
Sou grato por todos que ficaram ao meu lado  
E entendi todos que preferiram partir



## *Solstício da Alma*

Já fiz uma longa caminhada  
Sei que ainda tem uma longa estrada  
Estou feliz com o que já conquistei  
Orgulhoso de mim mesmo  
Por ter tido motivos  
Mas não ter desistido  
Por ter resistido...

Não me arrependo de quem me tornei  
Muito menos de tudo o que fiz por mim  
Porque hoje eu sou feliz  
Quem não acreditou se surpreendeu  
O que ninguém esperava aconteceu  
O menino cresceu  
Hoje sou bem mais do que muitos esperavam  
Hoje eu realmente posso dizer sem medo que este sou eu



**João Daniel**

Jundiaí - SP

# Uma...

Uma da manhã.  
Esperança,  
muita...  
Licença,  
vencida...  
Sentença,  
cumprida...  
Promessa,  
paga...  
Alegria,  
perdida...  
Reza,  
terço...  
Madrugada,  
comprida...  
Amor,  
acabado...  
Lembrança,  
você...  
Mágoa,  
tua...  
Dor,  
uma...  
Da manhã.



**Jefferson Dieckmann**  
Curitiba- PR



## *Quando meu eu me deixou*

Às vezes parece que meu eu fez as malas e foi embora.

E Eu não faz mais parte de mim,  
é estranho,

mas foi o que aconteceu.

Parece que ele estava lá,  
cansado, o fardo estava pesado.

E ele foi por aí,  
viver.

Viver longe desse corpo pesado, corpo parado,  
corpo pêndulo que vive se equilibrando,  
se conhecendo e desconhecendo ao mesmo tempo, tempo esse que não passa,  
presente mal vivido,  
mal entendido.

Eu que se censura, se machuca, se chumba. Eu que não é mais Meu,

Eu que não faz mais parte de Mim.

Eu que não é mais o que eu Sou



**Guilherme Rueda**

Jundiaí - SP



*O que jaz frio*

Faz frio aqui, viu!  
Eu nem vou falar do vento que faz...  
O vento que venta forte e torna mais frio  
O que jaz frio, já.

Faz frio, viu — um frio danado!

Uma delas disse que vai embora  
Porque trabalha demais,  
A outra quis defendê-la  
E deu-lhe razão — mesmo sem tê-la,

Pois eu digo que com o frio que faz,  
O melhor é não vê-las — jaz frio, já.

Uma delas pediu água e eu lhe dei,  
A outra se afoga num mar de ilusão  
E pensa que surfa nas ondas da paixão  
Mas me nega o zelo que requisitarei.

Faz frio, viu — eu quase congelei!

Uma disse que vai embora  
Porque queria ouvir um agrado,  
Mas eu não cedi e resolvi ficar calado,  
A outra quis dar-lhe razão, mas só fez sorrir,

Pois o frio que faz as fez  
Sentirem que o tema já havia se esgotado.

Tudo isso me faz pensar que  
Antes só do que mal acompanhado.  
Faz frio aqui, viu! (...)  
E ninguém havia notado.



**André Argollo**  
Campinas - SP



**Márcia Oliveira**  
Jundiaí - SP

## *Ela*

Em um canto do quarto, ela buscava alguém  
Mas o quarto estava vazio, não tinha ninguém  
Ela se sentia sozinha sem carinho  
Sem objetivo, sem um caminho.

Vivia com os pensamentos distantes  
Buscando os momentos de antes  
Havia um mundo além dos seus pensamentos  
Mas para ela só existiam aqueles momentos.

No meio da escuridão  
Ela buscava uma solução  
Só encontrava mais solidão  
Então ela trancou as portas do coração!

## *Junho*

Em seu retorno esperado  
Inclinam-se os arautos  
O sol parado espia lá fora  
Transforma a natureza  
Na antessala do inverno  
Enfraquece o sistema

Tempo de translado

Está na hora, de lá no norte, se engalanar!  
Com esforço dobrado iluminar seus raios  
Deslizar na neve e a derreter.  
Deixando para trás rastros de recolher

Descortina no hemisfério sul,  
Longas sombras...  
O gosto é gelado  
Quentão, fogueira, e rojões,  
É Festa Junina esquentando o povão!



**Liege Esteves**  
Jundiaí - SP





Bruno Marin  
Louveira - SP

## Sou

Sou todo torto e  
ninguém é páreo  
à minha tortura.

Sou todo manco e  
não há bengala  
que me sustente.

Sou todo intenso e  
não há manco  
que me torture.

Tal qual o torto  
que me tortura  
em mim presente.

## Primavera

A primavera acabou mais cedo  
quando as flores moídas  
passaram a cheirar  
tabaco úmido.

A primavera acabou mais cedo  
quando as pétalas amarelas  
tornaram-se apenas câncer  
na ponta do meu cigarro.

A primavera acabou mais cedo  
quando queimei os pulmões  
em nome do que chamam  
de amor.

A primavera acabou mais cedo  
quando você disse não  
ao meu pedido  
de casamento.

A primavera acabou mais cedo  
quando não mais pude  
te ouvir  
cantar.

A primavera  
acabou  
mais  
cedo...  
que de costume.

## *Friends*

Amizades não são sobre não errar,  
Nem sobre perfeição,  
Muito menos falta de discussão.

Amizades são sobre perdão,  
Confiança,  
Respeito  
E paixão.

Sobre surtar em conjunto,  
Amar em conjunto,  
Divertir-se em conjunto,  
E perdoar em conjunto.

Números não são confiáveis,  
Menos é mais,  
Os padrões de amizade são anormais,  
E o correto é apenas um colega a mais.

Seja o parceiro,  
Sem segredo, mágoa ou receio.  
Fora do padrão,  
Ou melhor, seja seu padrão.

Amizade é familiaridade,  
É o abrigo na tempestade,  
O ombro amigo DE VERDADE.



**Ana Clara**  
**Santos Cavalcante**  
Jundiaí - SP

## *A cor da pele*

Ouvi o som enquanto pombas voaram do chão  
Um corpo caiu e ficou abandonado  
Negro é afro, importa sim!  
Família tinha, já emprego... talvez  
Fome tinha, alegria?!... talvez  
Ouvi seu coração dar as últimas  
“badaladas”  
Agora apenas ouço o repique  
do tambor afro  
Depois, chegaram uns homens,  
e eles estavam chocados,  
um tanto que abalados, mas,  
não poderão fazer mais nada,  
do que chorar  
Amanhã sai o protesto,  
provavelmente, outros morram pelo gesto,  
o de se negarem a aceitar as (in)diferenças;  
em razão da cor da pele  
Já a cor dos olhos,  
não fazem qualquer diferença:  
a cor dourada

**Evandro  
Fernandes  
da Silva**  
Jundiaí - SP





## *Quem sempre eu fui jamais*

Posso passar a adorar tudo que me desgosta e me irrita,  
Parolar sobre assuntos frívolos, insípidos, banais.  
Posso me divertir com programas que não me atraem,  
Apreciar o intragável  
(a bebida cáustica, o café esfriado)  
E o que meu paladar não tolera.  
Posso simpatizar com meus desafetos,  
Anuir com os que enxergam o oposto de mim.  
Achar graça com os tolos,  
Aprender junto aos néscios.  
Posso estender a mão aos que não me fizeram,  
Jogar fora a mágoa do peito,  
Ser fraterno, direito, com quem me julga, despreza.  
Posso ser compassivo ante o trato difícil do outro.  
Posso ser generoso, a quem me é modesto.  
Abrir minhas portas a quem me fecha até mesmo as janelas.  
A quem maldiz minha sorte, posso desejar o sucesso.  
Posso ser o progresso contra a inércia.  
Ser... sim!  
Ser, daí em diante, quem sempre eu fui jamais!  
Mas assim eu serei, depois de tudo, eu mesmo?  
Serei mais eu? Ou menos eu? De verdade!?  
O recôndito de mim, eu não sei... eu não sei!



**Ildasio Beserra**

São Paulo - SP

*O inverno*

Foi um longo e tenebroso inverno  
E eu bem sei que adormeci,  
Sonhei, dormi como em colo materno,  
Quem não me viu foi porque sumi.

Foi um longo e tenebroso inverno  
E eu me recolhi bem cedo,  
E logo percebi que era só  
Na primavera que eu voltaria a ficar desperto.

Foi um longo e tenebroso inverno  
Em que eu saí de cena,  
Em estado letárgico, apático e asséptico,  
Guardei-me num claustro em rito fraterno.

Foi um longo e tenebroso inverno  
E foi-se o tempo em que eu me comunicava  
Em versos cálidos, e me sentia pleno, e transitava ileso  
Até que, experto, era a um tempo dois: interno e externo.

Foi um longo e tenebroso inverno  
E o vento batia lá fora como bate aqui dentro também,  
No fundo de minh'alma, até hoje ele bate,  
Bate e não responde – ninguém.

Foi um longo e tenebroso inverno  
E até pensei que não fosse mais ter fim,  
E que o sol, quando voltasse, estranhasse  
A paisagem local, tal e qual estrangeiro na praia, de terno.

## *Solstício da Alma*

Foi um longo e tenebroso inverno  
E eu sorria para não chorar,  
Ouvia a voz do vento a me chamar,  
Rogando que eu mudasse o meu padrão moderno.

Foi um longo e tenebroso inverno  
E eu quase congelei de frio.  
De São Paulo, fui ao Rio, e voltei...  
E fui e voltei e fui, num ciclo hodierno.

Foi um longo e tenebroso inverno  
E cada vez que me lembro do tempo  
Em que eu era tratado como um rei,  
Penso que desperdicei o que jamais imaginei.

Foi um longo e tenebroso inverno  
Mas não foi mau vê-la partir com seu amor,  
Feliz, certa de que fez o que fez  
Porque eu não fiz o que quis.

Foi um longo e tenebroso inverno  
E a música fazia-me crer que eu voltara  
Aos anos setenta ou oitenta,  
Não sei ao certo, mas...

Foi um longo e tenebroso inverno  
E os beijinhos que ganhei deram-me a certeza  
De que, embora com muito frio, era certo  
Que eu não dormiria naquela noite – coberto.



## *Solstício da Alma*

Foi um longo e tenebroso inverno  
Sem roupa, sem medo, sem lenço e sem documento,  
Nu, e só com ela, naquele mágico e sublime momento,  
Certifiquei-me de que existe mesmo o tal amor eterno.

Foi um longo e tenebroso inverno  
Mas a primavera chegou, enfim,  
Com as flores, o sol, as cores de volta ao meu jardim,  
Campo mais belo que há entre o céu e o inferno.

Foi um longo e tenebroso inverno  
Mas acordei feliz, e registrei sem lapidar  
Estas singelas e atípicas letras, simbólicas e perfeitas  
Neste atemporal e fatídico caderno.

Pois afinal me redimi  
E sob onipotente beneplácito Paterno,  
Valente e confiante atravessei  
O meu mais um longo e tenebroso inverno.



André Argollo  
Campinas - SP

## Pai XÔ es

Só agrego paixões novas,  
não consigo sintetizar nenhuma,  
não vingo. Só vou indo,  
nunca chego, nunca fico em aconchego.  
Só ganho chamegos, gozos, beijos, abraços...  
Me solto dos braços  
não quero abraço,  
só me interesso por braços.  
Não consigo terminar, só começar. Só consigo me apressar,  
começar, começar, começar...  
Me dá ânsia, não desce, tento  
e  
fico sem jeito.  
Gosto de solidão, minha ausência do mundo me satisfaz.  
Pareço ser vulgar, não tenho lugar. Sou daqui  
e  
dali.



Guilherme Rueda  
Jundiaí - SP





**Liege Esteves**  
Jundiaí - SP

## *Paulistano*

O mundo é concreto  
Os devaneios abstratos  
O amor, um retrado enganoso de ser.  
A cidade... São Paulo!  
Uma média no balcão

O homem um deserto  
Em traços geométricos

Vai andando...  
Desviando...  
Sai correndo de aflição  
Acha-se muito esperto  
No corredor estreito, aglomeração!

Na moderna metrópole  
A garoa já é tão rara  
Chove cultura  
Jardins no asfalto  
Desafiando o progresso  
Degusta poluição  
No acorde do violão



## *Reach for the sky*

Os céus são uma pintura,  
Em uma tela branca,  
Onde traços leves são a mistura  
Do grande Sol e a bela Lua.

O alaranjado, o rosado e o avermelhado,  
Encontram-se e se misturam em um traço,  
As estrelas e a Lua são como respingos  
Que brilham e iluminam por onde passam.

O branco e o amarelo,  
O ponto de chegada e o ponto de partida,  
Os raios e as crateras.

Mas dentro de tudo isso,  
Uma coisa se permanece viva,  
As que vêm, se desenvolvem e ainda são jovens.

As nuvens sempre estão lá,  
Por mais que pequenas e delicadas,  
Elas são umas das pinceladas mais importantes dessa jornada.



**Ana Clara  
Santos Cavalcante**  
Jundiaí - SP

*Solstício da Alma*

# Luz e Sombra

Ando sob esse disco de fogo no céu  
Do qual os raios flamejantes  
Com todo o poderio e glória  
Espriam-se pelas matérias todas.

Não fossem as preocupações,  
Os temores e os anseios,  
Talvez pudesse contemplar  
O nascer e o pôr deste sol perfeito.

Mais do que isso até,  
Poderia sentir todo seu calor  
Não fosse levado a tremer  
Com o ar frio da gente em volta.

E de fato quase fico indistinguível  
Enregelado de corpo e alma,  
Com a maldade e a deturpação  
De quem não se fez sob luz benigna.



**Ildasio Beserra**  
São Paulo - SP

# *Som*

Esse som que vem da solidão  
Um toque tardio  
Um certo arredo  
Coração

Um som que vigia mudo  
Qual sentimento estacado  
Confuso desenfreado  
Tudo

Ah, som que chega esmagado  
Peso que sinto ao peito  
Vida e morte ao leito  
Desolado

Que som que ouço, medonho  
Que força a lança na alma  
Cravando dois furos na palma  
Tristonho

Abafado, ouço o som da batida  
Abrindo entre ossos, espaço  
Me prendendo neste laço  
Cravo madeira, ferida

E fez-se o som, nesta hora  
A rasgar o firmamento  
E o útero da terra, sangrento  
Chora

Um som de imensa solidão  
A deixar na madeira humanidade  
Grandes traços da insanidade  
E infinitos sons de perdão

Não ouviu esse som, criança?  
Não se sentiu perdoado?  
Apagar todo pecado?  
Esperança

Agora esse som mora em mim  
Como veio também passará  
Provável algo mudará  
Pode ser... som... fim.



**Ronaldo Martelli**  
Valinhos - SP



## *Saudade e tormento*

Desculpe-me, desculpe-me, desculpe-me... eu fiquei ausente, é verdade e também sem sinal de comunicação. Isso foi involuntário, coisas do coração. Viajei e nessa jornada andei por lugares estranhos e por lugares aprazíveis. Nesses, lembrava dos momentos agradáveis que passei com você. Nos lugares estranhos, lembrava dos momentos que sofri por você e aí eu pensava: se me ausentei por causa desses momentos desagradáveis, por que eles vêm ao meu encontro agora? Confesso a você que a única maneira que eu encontrava para amenizar a minha aflição era chorar. Mas durante esses choros, eu sentia que estava chorando era de saudade, porque os demais motivos eu apenas lembrava e ficava triste.

Mesmo com saudade e me sentindo atormentado, continuei com a minha teimosia. Mas ontem à noite sonhei que estava dormindo e fui acordado por alguém batendo na porta. Era uma pessoa desconhecida. Perguntei-lhe o que queria e ele disse: não quero nada, só vim lhe dizer algumas coisinhas e por favor, ouça-me: “Nunca devemos nos afastar de um amor não correspondido, assim como não devemos desprezar quem não nos ama, porque geralmente esses dois atos causam o remorso para ele e para ela e o remorso é o pior castigo para o ego de qualquer um. Agora acorde e volte para perto do seu amor não correspondido, mesmo sofrendo, mas é o melhor para a sua saudade e o seu tormento”. Comecei a chorar.

Desculpe-me, desculpe-me, desculpe-me. “O que foi homem? Por que você está chorando?” “Eu estou assustada!” “Oh Bem! Eu sonhei que estava sonhando um sonho muito comovente.” “A ponto de fazer você chorar? Me conta!” “Olha, o sonho começou; eu pedindo desculpas: desculpe-me, desculpe-me, desculpe-me...”

**Manoel de Jesus Carvalho**

Jundiaí - SP



## *Inverno inferno*

Quando este texto estiver sendo publicado eu já terei completado 69 anos de vida terrena.

Guardo em minha memória uma detalhada descrição das peripécias do dia do meu nascimento, as quais me foram contadas repetidas vezes por meu saudoso pai. Entretanto, somente agora me dei conta de que nasci durante o inverno e de que nunca perguntei aos inesquecíveis Seu Aristeu e Dona Cida acerca das condições climáticas no dia em que vim ao mundo. Somente poderei ter a resposta no dia em que desencarnar e reencontrar meus pais na espiritualidade.

Mas aqui o que realmente interessa é dizer que não gosto do inverno.

Sou aposentado faz algum tempo e por conta disso meu uniforme oficial do cotidiano é composto por camisa polo de mangas curtas, bermuda (quanto mais velha, mais gostosa) e pés descalços. Sandálias somente são usadas para ir ao banco ou ao comércio.

O inverno me obriga a vestir uma blusa por sobre a camiseta, trocar a bermuda por uma calça comprida e a calçar chinelos mesmo dentro de casa por causa do piso frio da cozinha e dos banheiros.

O inverno me força a cobrir a cama com acolchoados pesados, o que me incomoda muito. Além disso, sou forçado a vestir pijama com mangas e calça compridas, o que me obriga o tempo todo a ficá-las ajeitando por baixo das cobertas.

No inverno as dores da idade parecem que são mais fortes.

No inverno a próstata de idoso me obriga a constantemente levantar-me para urinar durante a madrugada gélida. Muitas vezes, tento enganar minha bexiga, fingindo que não estou com vontade de urinar, mas meu cérebro começa a produzir sonhos em que eu estou num banheiro e diante disso não tem jeito: sou forçado a sair da cama.

Não contente em me azucrinar sozinho, o inverno se alia à balança para me fazer sofrer. Sou um amante confesso da boa mesa e tenho muita facilidade para engordar. Vai daí que durante todo o inverno passo a ter delírios com feijoadas,

ossobucos, rabadas com polenta, costelinhas de porco com feijão branco, canjas gordas, massas repletas de molhos e todo o arsenal de comidas deliciosas – porém pesadas – que me obrigam a ter muito cuidado para não terminar o inverno com vários quilos a mais.

Foi no inverno de 1975, para mim até hoje o mais intenso por que passei, que perdi meu avô paterno Guilherme, cuja lembrança até hoje me dá um nó na garganta e faz com que eu chore.

Foi nesse mesmo inverno de 1975, que ao participar do sepultamento do velho Guilherme eu tive a oportunidade de visitar o túmulo de meu tio Jayme, que havia falecido muito antes de eu nascer, mas cuja foto no jazigo fez-me sentir como se eu estivesse me olhando num espelho, tal era a semelhança física entre nós dois (soube depois que as semelhanças de caráter e de inteligência – modéstia à parte – eram também significativas).

Foi num dia frio e garoento de inverno que eu, já aposentado, me vislumbrei às portas da depressão e somente não sucumbi ao nefasto mal porque a espiritualidade, por meio de um grande amigo, fez-me encontrar novas perspectivas de vida através do trabalho – primeiramente voluntário e depois remunerado.

Estes rápidos e singelos apontamentos estão sendo digitados em Vinhedo - SP, na manhã fria e chuvosa de 9 de junho de 2020, quando o outono começa a arrumar suas malas para ir embora, ao mesmo tempo em que o inverno já se encaminha ao banheiro para tomar uma ducha, fazer a barba e na sequência ir ao closet para escolher sua melhor roupa, a fim de iniciar seu trimestre de trabalho.

Que bom seria se eu fosse um urso polar. Depois de comer todas as gulodices acima citadas eu poderia dormir durante três meses e somente acordar em 21 de setembro sob o sol da primavera, depois de haver perdido todos os quilos acumulados antes da hibernação.

Como diria meu bisavô paterno Victor Cesari-  
ne: *“una pernacchia per te, maledetto inverno”*.



**Aristeu de Campos Filho**  
Vinhedo - SP



## O estojo escolar

De repente, ele se vê sentado no meio de sua cama, na penumbra, com o suor a lhe escorrer pela face e por todos os poros do seu corpo. Seu quarto também dormia. Acendeu a luz do abajur e notou que o pijama também estava molhado. Havia sonhado. Barulhos pipocavam por todos os lados. Aturdido e ainda sonolento, foi lembrando que nesse seu sonho era um menino e que com a sua turma, comemoravam o último dia das Festas Juninas, dia de São Pedro, com rojões, fogos de artifícios, espoletas, morteiros e bombinhas. Um dos rojões, nesse sonho, havia espocado bem diante de seus pés. Meio zozzo, continuou ouvindo estalidos e percebeu que havia sido despertado pelos trovões e relâmpagos da tempestade que grassava naquela madrugada. Pingos grossos ricocheteavam na janela de alumínio e rajadas de vento uivavam por entre as frestas. Levantou-se e, palmilhando o chão até a janela, estancou diante dela para fechar a veneziana. Ao invés disso, distraiu-se apreciando aquela chuva-rada. Pedacos de gelo haviam se formado e desabavam do céu em uma quantidade estonteante, indo ao encontro às capotas dos automóveis e se espatifando no chão com toda a sua força. Cena apavorante, porém, uma beleza implacável. Pingos escorriam pela vidraça e gotas cristalinas davam o aspecto de pequenos diamantes. Cintilavam e escorriam com facilidade. Num dado instante, a borrasca foi amainando. Das nuvens, caíam somente gotas fininhas, miúdas, transformando-a numa tênue garoa. No seu íntimo, imaginou serem lágrimas de algum deus grego. Ainda prostrado diante da janela, viu a chuva cessar completamente. Amanhecia e, uma bola de fogo amarelo ouro brotava da terra, assim como brotam as plantas, as flores e as sementes. Intuiu que as nuvens haviam se retirado talvez por medo daquela força poderosa, pois o Sol já se mostrava soberano ao seu nascer. As águas que ainda corriam pelo meio fio e pelos paralelepípedos que calçavam a rua, formaram corredeiras e, em seguida, transformaram-se em filetes de água prateada lambendo o solo em todo o seu percurso, sumindo pelos bueiros. Filmes d'água restaram, porém logo se evaporaram. Pássaros saíram de seus refúgios e deram início às suas cantorias, acordando a manhã com seus maravilhosos trinados. A sinfonia da natureza que havia iniciado com a tempestade, ainda estava em andamento. Primeiro os trovões, depois os raios, a seguir, a ventania uivando seguida das batidas dos grossos pingos na vidraça. Com um som um pouco mais grave, os granizos pipocavam na lataria dos carros. Em seguida, mais suavemente, ouvia o marulhar das águas correndo pelo meio fio, desembocando nos bueiros e a melodia teve seu *gran finale* com o trinado dos pássaros. A natureza quis mostrar a ele que também sabia compor assim como Vivaldi, Mo-

## *Solstício da Alma*

zart, Bach ou Chopin. O céu, na alvorada, comportou-se como um camaleão. Transformou seu manto azul marinho perfurado de pequenos diamantes da noite que se despedia, em uma miríade de azuis, mostrando todas as suas nuances, brindando o observador posicionado na janela, com um azul-anil esplêndido. Foi pego por uma nostalgia apertando seu peito e, nesse instante, esmagou a água de seus olhos. As lágrimas correram pela face. O coração batia forte estilhaçando seu peito por dentro e, recordando-se do sonho há pouco sonhado, foi levado, sem perceber, à cômoda de seu quarto. Abriu uma gaveta e tirou dela uma linda caixa de madeira toda marchetada que guardava com carinho por ter pertencido ao seu avô. Nela, estavam contidas várias recordações de um tempo belíssimo de sua infância, vivido com alegria. Dentro dela guardava tesouros: um apontador em forma de globo terrestre que ganhou de sua primeira namorada aos dez anos, uma caneta de madeira com pena de ferro que era mergulhada na tinta azul real lavável, lembrança de seu querido pai. Lá estavam também, quase escondidas, três canetas tinteiro. Uma de corpo verde e tampa de metal prateada modelo Parker 21, outra com o corpo cinza com tampa dourada, Parker 51 e por fim, uma Sheaffer, com corpo e tampa preta, a qual, por acionamento de uma pequena alavanca posicionada no corpo, permitia que se preenchesse, bombeando, seu reservatório de borracha interno. Ao lado delas, mais duas preciosidades: uma comenda de tecido verde-amarelo em forma de uma rosácea com duas fitas penduradas, que recebeu da escola como melhor aluno da classe. Seu uso era obrigatório. Carregava pendurada com alfinete, na camisa branca do uniforme escolar. Tinha orgulho disso. Embaixo dessa comenda, sua caderneta azul, praticamente um diário de toda atividade escolar. Ali estava o boletim com as notas mensais de todas as matérias, além das folhas de chamada, feita diariamente, no início das aulas. O carimbo azul usado para marcar PRESENTE e o vermelho, para AUSENTE. A primeira página continha a fotografia do aluno, nome e filiação. Aliás, falando em fotos, estavam naquela caixa algumas amarelecidas e outras, mais antigas, quase que apagadas pelo tempo. Talvez não estivessem tão apagadas assim. O tempo que havia descolorido o seu olhar. Ainda fuçando aquela caixa, deparou-se com o principal objeto do seu passado, um estojo de latão. Aquele achado o surpreendeu. Não lembrava que ele estivesse ali e nem imaginava o que havia em seu interior. Pegou-o com cuidado, e, sentado na borda da cama, teve de fazer um pequeno esforço para abri-lo. A tampa continha um pouco de ferrugem no seu encaixe. Ao abrir aquele seu antigo estojo cinza chumbo surrado pelo tempo, sentiu sair de seu interior, perfumes dos mais variados. Como se estivesse desenrolando um fio de lã de um novelo, emergiam de seus pensamentos, imagens antigas que pareciam sair de uma fita de celulose de um filme Super 8. Vinham aos borbotões. Uma grudada na outra como se sua mente fosse um projetor e a tela, seus olhos. Via nitidamente imagens de sua infância e adolescência passando rápidas. Às

## *Solstício da Alma*

vezes, quando fixava mais demoradamente seus olhos, via, num holograma dessas imagens, sua família ao redor da mesa num jantar qualquer. Num outro ponto da fita, ele corria com os amigos nas ruas de terra após a chuva. O estojo trazia junto das imagens, os cheiros característicos da terra molhada, o cheiro do café da manhã vindo em ondas que entravam pelas suas narinas e todos os outros que estavam enclausurados na memória. Veio-lhe também o cheiro do bife e do feijão com torresmo do jantar. Uma imensidão de odores e imagens o visitava. Quanto mais ele puxava da meada, ou do celuloide da fita de sua vida, mais ações apareciam, impregnadas de cheiros e aromas característicos. Lembravam os balões chinesinhos subindo aos céus em noites estreladas e sentia o cheiro de parafina queimando, enchendo o balãozinho de ar quente, produzido pela queima da pequeníssima tocha, que se apagaria tão logo o balão estivesse nas alturas. Em outras imagens, surgiam bonecos de pano recheados com jornais velhos, trapos e estopa, simbolizando Judas. Vestidos com calças, camisas, gravatas, meias e sapatos, todos usados e surrados, coletados da vizinhança. Eram fixados nos postes da rua e amarrados com arames. Ao meio-dia, os sinos das igrejas do bairro ribombavam, indicando ser o momento da malhação dos bonecos, que simbolizavam o Judas Traidor. Embebiam-no com álcool, ateavam fogo e, com porretes ou pedaços de madeira, malhavam todo o seu corpo e só paravam quando o fogo havia consumido tudo. Do interior desse estojo, ao mesmo tempo saíam o cheiro do álcool e do boneco queimado. Descobriu ser um estojo mágico. Quando o fechava, parava tudo. Guardava novamente na gaveta da cômoda e, quando a melancolia o surrava, ia até ela, pegava o estojo e o abria com o máximo cuidado. Mesmo sem abri-lo totalmente, saíam de lá, quase que imediatamente, os perfumes de sua infância. Eram infindáveis esses olores. Sentia-os dentro dele. Retirada a tampa, cenas mágicas se projetavam e passavam ora lentas, ora rápidas demais. Ele conseguia dominar a rotação do tempo. Quando as lembranças eram boas, o filme passava em câmera lenta e ele podia degustar do momento. Acontecimentos maravilhosos. Dava graças a Deus que, em cenas ruins, o filme rodava acelerado, não dando tempo para que a corda de seus nervos ficasse retesada. As cenas duras e sofridas pelas quais passou, o tempo fez questão de apagá-las. Cenas com pouca nitidez e que estavam desaparecendo daquele estojo. Toda vez que de lá saíam, não retornavam. Fugiam e se esfumavam no ar. Essas cenas ruins produziam gemidos quando ele abria aquele estojo, porém, o tempo se encarregou de sufocá-lo.

**Nilton Gutierrez**  
Santos - SP





## Hora

Hora de hibernar e silenciar.

Hora de imergir e reavaliar.

Hora de reprogramar e regenerar.

Hora de ressignificar e renascer.

O inverno é a estação das noites mais longas. É quando o metabolismo baixa mostrando a necessidade de mais nutrientes. Percebe-se que nosso corpo trabalha em *stand by*, não quer gastar energia, só acumular; parece que está em preparação.

Tudo se aquieta, hora de ensimesmar-se, voltar para o interior, mergulhar no mais profundo âmago – contato com a sua verdadeira essência. Coincidências ou não, segundo a Astrologia, estamos num momento retrógrado.

Há de se pensar se não é a hora mesmo de retroceder, prestar atenção e ver se algo significativo não ficou para trás. Hora de rever conceitos, projetos, sonhos, princípios, valores e dar a eles o verdadeiro significado. Bem, se os astros influenciam as marés, por que não os seres humanos que são compostos por mais de 70% de água?

Se existe verdade ou não, estamos na hora certa, hora essa de sossegar e iluminar. O inverno é uma preparação para a primavera. Na natureza, as sementes para eclodirem para vida, precisam de um tempo: o tempo da germinação. Tempo esse em que se absorve tudo que alimenta, até a luz. Para que então, a primavera seja a hora de desabrochar, encantar e florir.

Estamos nessa estação invernal, nesse momento de pandemia que nos obriga estar em confinamento. Com certeza, uma preparação para o porvir. Hora de esperar. Como tudo passa e vai passar, chegará a hora de emergir das profundezas, mais forte, preparado, com ressignificação, dando mais sentido a tudo, coexistir na união e bem comum de todos os seres que habitam nosso planeta. Que venha a hora certa de renascer!



**Eliane Diana**

Jundiaí - SP



**Thaty Marcondes**

Jundiaí - SP

## *A moça do tempo*

A moça do tempo não vem mais. Talvez por falta de tempo pra prever o tempo; talvez por falta de alento; talvez por conta de um invento que lhe substitua as atribuições.

Não é fácil acertar previsões do tempo – isso não é mesmo! Se ela indicar um guarda-chuva, não se esqueça do maiô na bolsa; se ela disser que vem por aí uma forte onda de calor, convém uma galocha pra prevenir; e se o futuro prometer seca, um barquinho estacionado à porta vai bem.

A moça do tempo se enganou no tempo, ficou na janela, qual Carolina, aquela: a vida estava passando, escorrendo impune por entre seus dedos. Num repente deu um salto mortal, pulou pra rua, caiu no colo de um moço-poeta de chapéu coco, aprendiz do panteão grego, trabalhador da arte concreta, prosa indiscreta, e lá ficou. Parece até brincadeira de criança: “Estátua!”, e a moça do tempo ficou estática, parada no tempo. Agora, sentada no meio fio, vê os passantes, os passageiros, os transeuntes, mas ainda não enxerga a vida que escapa se afogando nas águas das chuvas, que correm desviadas sob seus pés descalços e seu olhar distraído, como quem nem vê o tempo passar.

A moça do tempo se perdeu no vazio, se esquentou no frio, se molhou na seca... E entre raios e trovões, escapando por entre dias ensolarados, marés altas e secas encharcadas, ficou encantada pelos olhos do amor.

Errou a previsão de novo!

Será que chove?



**José Garcia Netto**  
Praia Grande - SP

## *Quando o inverno se aproxima!*

Inexoravelmente, assim como um dia atrás do outro (com uma noite no meio), as estações do ano, gostemos ou não, vão se alternando no decorrer do ano.

Aqui pelas bandas do hemisfério sul, as características de cada uma delas, só são notadas nas latitudes bem meridionais e locais com predominância de altas montanhas. Por que estou escrevendo isso? Porque o nosso calendário implacável, como disse acima, aponta para a chegada dessa época em que a terra “covardemente” se afasta do Sol, deixando as noites mais longas e, os dias já com medo do frio, começam a encurtar, ao tempo em que as regiões abaixo da Linha do Equador, sofrem a mudança de suas amenas temperaturas.

E as alterações climáticas aqui no Brasil vão se ampliando para as regiões sudeste e sul desse país continente, e nessas plagas começam a ser registradas paisagens que, remotamente, lembram as das terras do hemisfério norte. E, paradoxalmente, muitos moradores das regiões que menos sofrem os efeitos da fria estação, partem felizes para “aproveitar” os encantos de temperaturas beirando a zero, e oh! alegria, algumas vezes, negativas! Transmudam-se em manequins de roupas grossas de lã, luvas, gorros, cachecóis e os homens adicionam ao vestuário as pré-históricas ceroulas.

Ah, e as cores das roupas, mormente as femininas. Absurdamente coloridas, como se os padrões coloridos, tivessem o condão de afugentar o frio. E quando



## *Solstício da Alma*

chegam nos locais em que as baixas temperaturas ficam difíceis de suportar, “curtem” toda a viagem no interior dos quartos e dos “halls” dos hotéis aquecidos por lareiras e outros apetrechos inventados para amenizar o frio que faz do lado de fora.

Confesso que já passei por frio, muito frio. Frio de congelar espirro, frio de fazer pinguim fazer as malas e se mandar para Manaus, frio de esquimó comprar aquecedor a gás ou elétrico, se no iglu existir corrente elétrica. Talvez por isso eu não seja, digamos assim, apreciador de baixas temperaturas, talvez...

Por essas e por outras que agora dando uma olhada de soslaio no calendário, presente do supermercado, vejo a aproximação “dele”, o general inverno que, como sabeis, em terras europeias já derrotou imperadores, reis e ditadores! Essa nossa tradição calorenta, faz com que algumas pessoas, como o meu amigo Aristeu, esperar com ansiedade a chegada do tempo frio, e partir solerte para o Ceará e adjacências.

Esta singela loa à nova estação que se avizinha é um preito de admiração àquelas(as) que, sinceramente apreciam a chegada do friozinho (ou friozão, depende) e aconchegar-se ao parceiro(a) em forma de conchinha, depois de tirar o cheiro de naftalina das roupas apropriadas, agora para o uso, guardadas quiçá há um ano ou mais; subir no alto do armário do quarto de casal e desembulhar o velho edredom, presente de casamento no século passado; fuçar até encontrar o aparelho de “fondue”; descer da prateleira mais alta, o vinho tinto, presente do cunhado amigo, e degustar a bebida sem medo de ser feliz; usar aquelas meias de lã exiladas desde há muito tempo nas gavetas dos armários e, por fim, testar se o aquecedor elétrico ainda dá no couro pra mais um inverno, depois de um longo e quente verão.

Para os que não possuem o privilégio de ter água quente em suas torneiras, o sacrifício diário de, pela manhã, encarar a água quase gelada, e sentir vontade de lavar o rosto com “leite de rosas”, que, além de perfumar, não é tão frio assim e, adiar ao máximo a hora do banho nosso de cada dia, com o botão de controle no INVERNO, e a vontade de aliar-se ao grupo de tomadores do banho apelidado de “banho feijoada”, só pé, rabo (com todo o respeito) e orelha.

Em resumo: para os que apreciam são apenas três meses; para os que não gostam são noventa longos dias. FAÇAM SUAS ESCOLHAS.

## *O ano da distância que nos aproxima*

O início do outono é um sinal de que dias mais frios esperam por nós e, com isso, organizamos a vida para recebê-lo. Cobertores são retirados dos armários, o casaco guardado ganha posição de destaque no guarda roupa e as botas serão as companheiras para os próximos dias que anunciam ser mais gelados. Isso sem falar nas meias, cachecóis e todo tipo de acessório que nos deixa mais bonitos, elegantes e quentinhos.

Então o inverno chega e com ele um convite é feito para que uma aproximação mais quente seja feita à alma, um momento de introspecção. O retrato da paisagem mostra a queda das folhas das árvores, céu nublado, dias mais frios. Não poderia ser melhor para realizar atividades que nos conecte com a essência que existe em nós.

Quantas vezes tivemos oportunidade após uma xícara de um bom chá quente, enrolados em um cobertor e apreciando a paisagem da janela pensar um pouco sobre como anda a vida e não apenas em qual série iremos nos ligar na Netflix.

É o mês das férias escolares, do festival de inverno em várias localidades e também uma oportunidade para que o primeiro semestre do ano possa ser avaliado.

Todos os anos, as estações chegam e nos brindam, com alguma proposta para nos olharmos.

No entanto, em 2020, algo muito diferente aconteceu algo que, provavelmente, quando o brinde foi feito no primeiro dia de janeiro, não era parte das propostas e promessas feitas. Quantos de nós não colocamos no papel algumas coisas para fazer, como aquela viagem sonhada, a dieta necessária, ah! Sim! Exercícios físicos, provavelmente também faziam parte da

## *Solstício da Alma*

lista, passar mais tempo com os amigos e família, ler bons livros, meditar. De verdade, quantos de nós, ao estabelecer as metas, tínhamos consciência de que o tempo não nos permitiria que algumas destas coisas acontecessem por estarmos sempre muito ocupados. Que Cronos iria nos devorar.

Eis então que certo vírus surge e estamos, obrigatoriamente, trancados em casa.

As pessoas já não circulam mais, os mascarados tomam conta dos supermercados, farmácias, bancos por serem estes serviços de primeira necessidade, e em tempo recorde, pessoas entram e saem destes lugares porque permanecer muito tempo fora de casa é perigoso.

Crianças já não brincam, já não vão mais para a escola, abraços não acontecem mais e a casa, que antes era o refúgio após um dia cheio, torna-se o espaço do trabalho, da escola, das relações, da convivência.

A angústia e ansiedade tomam conta do mês de julho porque a esperança da rotina voltar ao seu normal é, mais uma vez postergada.

É neste momento que se torna fundamental olhar para dentro e buscar criar uma narrativa diferente da que até então vivíamos. O externo deixa de ter um papel fundamental na vida e o interno é um convite para olhar para a vida como ela se apresenta para que novas escolhas possam ser feitas. Escolhas quem sabe baseadas em algo mais genuíno em nós e não no que as narrativas ditavam até então.

O olhar para si mesmo é uma tarefa que requer, antes de tudo, coragem.

É uma viagem sem pressa, uma oportunidade que a vida nos deu afinal. Um reencontro com a alma dificilmente seria possível enquanto se está sufocado por tantos afazeres, por tantas distrações.

Muito se tem falado sobre propósito, mas é sabido que se este não for de alma não será válido. Afinal, aquilo que não pulsa em nós dificilmente será validado, porque não será algo de dentro, mas algo de fora para dentro, uma ilusão, um aprisionamento.

Uma pergunta que provoca:

Supondo que você só tenha o dia de hoje, o que ou pelo que valeria a pena ter vivido?

Ter vivido pelo que nos dá alegria, satisfação, pelo que nos move. Escrever, caminhada na serra, sorvete com cobertura, beijo molhado, filme romântico, estar em família, amigos, trabalho voluntário, escuta empática, orar e agradecer.

Estar conectado é saber a importância desta presença de Deus em nós, seja da crença que for, mas antes de tudo, o diálogo constante e a gratidão presente em cada dia das nossas vidas.



## *Solstício da Alma*

O que o Covid-19 proporcionou para alguns foi o reencontro de alma, questionamentos sobre a vida e modo de viver. Para outros, revolta, raiva, incompreensão do porque tudo isso está acontecendo.

O reencontro parece ser mais fácil, mas, não é. Eis aí um hábito que esquecemos há muito tempo porque nosso dia era cercado de coisas ditas importantes para serem feitas e no fundo, de essencial não tinha nada.

A revolta acontece e é compreensível porque este diálogo interno dificilmente é exercido. O costume é olharmos para fora e nunca para dentro. Portanto, deixo meu convite aqui registrado nesta oportunidade que é, com certeza, única, para repensarmos o que faz, realmente, sentido para cada um de nós.

Lembrando que, se faz doer, faz sentido.



**Patrícia Razza**  
Jundiaí - SP

## *Uma aventura no inverno de 1977*

### **Prólogo**

No dia 31 de outubro de 1977 viajamos para os Estados Unidos da América, com nossos filhos Ari e Alexandre, então com 6 e 2 anos respectivamente, atendendo ao programa de Bolsa de Estudos da Organização Mundial da Saúde; saímos do Aeroporto de Congonhas, à noite em voo da extinta Varig.

Recebemos antes de viajar um lindo cartão postal, em duas faces, enviado pelo saudoso amigo Zé Maria (José Maria Soares de Oliveira) e o nosso compadre Carlinhos (Carlos Alberto de Miranda Costa) com os seguintes dizeres: “Vai amigo, as viagens ilustram” e virando no outro lado, “E você precisa de umas oitenta viagens ao redor do mundo”. Rimos muito e guardamos essa recordação para sempre.

Ao chegar no aeroporto Kennedy, em New York a temperatura era de 13° C, mas a sensação térmica, devido ao vento era muito mais baixa. Carregávamos uma imensa bagagem, pois naquele tempo o Alexandre ainda usava fraldas e é preciso lembrar que não existiam as descartáveis.

O programa da Bolsa de Estudos exigia uma série de deslocamentos por trem, ônibus, veículo, avião. Para se ter uma ideia, após chegar em New York, viajamos de trem para as cidades de Trenton, New Jersey; Philadelphia, Pensilvânia e Washington DC. Da capital americana despachamos para o Brasil uma descomunal mala que atrapalhava e ia complicar muito nossas andanças que ainda estavam por acontecer.

Enfim, depois de cumprir a programação da Bolsa e de visitar museus e galerias nessas cidades já enfrentando bastante frio, voamos para a cidade de Cincinnati, Ohio, onde a neve nos aguardava caindo copiosamente. Daí seguimos de avião para Madison, Wisconsin e de ônibus viajamos a uma universidade em Appleton também no estado de Wisconsin.

Durante toda nossa estadia nos Estados Unidos, uma tarefa paralela às atividade da Bolsa de Estudo era a mamãe dar aulas preparando o Ari para ingressar na primeira série do então curso primário.

Após palestras, reuniões, discussões de trabalho, visitas e estágios em laboratórios, num voo de mais de quatro horas com escala em Chicago, alcançamos Seattle no estado de Washington, no dia 21 de novembro de 1977, com o clima e tempo de inverno se fazendo sentir de modo arrepiante.

### Enfrentando o frio em Seattle

Em Seattle, o programa da Bolsa de Estudos foi intenso, pois houve a necessidade de conciliar os compromissos com a chegada dos feriados do “*thanksgiving*”, o Dia de Ação de Graças que em 1977, caiu numa quinta-feira, dia 24 de novembro. De qualquer modo, houve a possibilidade de uma visita ao Seattle Aquarium observando a migração e subida do salmão postados embaixo de uma escada de vidro e também a atração de um pequeno aquário “*touch me*”, toque-me, uma novidade na época, com o Ari e Alexandre podendo tocar e pegar, ouriços, estrela do mar, conchas, tartarugas e coloridos cardumes de pequenos peixes; foi uma verdadeira aula de história natural para a alegria das crianças.

Mas falando do frio, durante a permanência em Seattle um fato se tornou marcante merecendo este registro. O hotel, um prédio construído nos anos 1940, arquitetura neoclássica, dispunha de amplos e confortáveis apartamentos. Contudo, na primeira noite enquanto dormíamos, a temperatura começou a cair abruptamente, atingindo dois graus centígrados negativos e de modo repentino o *heater* (aquecedor) em pane deixou de funcionar.

Como já passava de meia-noite, ao consultar a administração fomos informados de que seria impossível providenciar o conserto ou nos transferir de apartamento. O jeito foi nos acomodar na imensa cama de casal dormindo os quatro juntos irradiando calor, e assim acordamos às oito horas da manhã.

Durante o café, aproximou-se uma delicada senhora que se anunciou como membro do *World Affair Council*. Miss Corcoran, era encarregada de prestar ajuda para a resolução de algum problema ou pendência dos bolsistas estrangeiros e naquela manhã estava ali para saber se tudo corria bem. Agradecemos enfatizando que o programa da bolsa seguia a contento, mas que naquela noite havia acontecido um pequeno problema com o aquecedor do apartamento no hotel. Ela, indignada, retrucou enfatizando então que este era na verdade um enorme problema e, pedindo licença, imediatamente se dirigiu à administração do hotel fazendo uma incisiva reclamação, o que motivou um formal pedido de desculpas a todos nós e o reparo do aquecedor.



À noite, depois de comemorarmos o aniversário de Ivane em um restaurante próximo, quando discretamente cantamos o *Parabéns a você*, como o frio era cortante resolvemos voltar mais cedo ao hotel e ficar brincado com as crianças.

### **Viagem à Vancouver e a nevasca**

Como o feriado de Ação de Graças foi prolongado, alugamos um carro e viajamos à Vancouver, no Canadá. Ao parar na fronteira houve um pequeno incidente quando, após a inspeção policial e apresentação dos documentos, ao voltar para o carro não conseguia dar a partida e fazê-lo funcionar. Para variar estava bastante nervoso, mas felizmente um dos policiais de plantão, muito gentilmente, explicou qual era o procedimento (coisas do subdesenvolvimento) e a viagem prosseguiu bastante agradável, com a queda de alguns flocos de neve e a observação da linda paisagem da estação de inverno, com os campos e florestas, obviamente de um branco neve.

De fato, houve algumas dificuldades iniciais para adaptação ao carro automático e por três vezes na estrada pisando erradamente no freio, as crianças quase vieram parar no banco da frente. Por sorte não derrapamos na pista escorregadia e com tranquilidade chegamos à bela cidade de Vancouver.

Após descansar no hotel fomos conhecer o Vancouver Aquarium. Essa visita proporcionou a todos conhecer o peixe Celacanto, que durante muito tempo foi considerado fóssil. Pensava-se estivesse extinto há 70 milhões de anos, entretanto, em 1938, um pescador na África do Sul o encontrou lançando uma rede em grande profundidade; passou a ser conhecido como um fóssil vivo.

O que não esperávamos é que a tarde começasse a nevar, o que nos obrigou a esticar nossa estadia em território canadense. Todavia, no dia em que estávamos saindo de Vancouver para retornar a Seattle, já ao entardecer a nevasca recrudescceu, de modo que diminuímos a velocidade nas ruas da cidade.

Ao entrar na estrada, já era praticamente noite e estávamos apreensivos, primeiro por não termos nenhuma prática na direção de um veículo na neve e tampouco por não dispor o carro de qualquer adaptação própria para o tráfego em condições tão adversas. Pensávamos nisso quando a escuridão passou a ser intensa como breu, e não se via mais nenhuma luz de casa ou de algum posto de gasolina, íamos assim enfrentando a neve que caía brusca e intensamente.

## Solstício da Alma

Nesse momento, segurando firme o volante, com as crianças dormindo no banco de trás, seguíamos completamente indecisos, sem saber bem o que fazer, pois não podíamos estacionar no acostamento sob o risco de congelamento e hipotermia e prosseguir viagem era muito temeroso com os riscos aumentando. Estava muito perigoso e o carro sem estabilidade deslizava bastante.

Não se via nenhum carro à frente ou atrás e como não houvesse alternativa, continuamos com toda cautela tentando encontrar algum posto de gasolina ou um motel, o que infelizmente não aconteceu naquele ermo trecho da estrada. O que às vezes se via era apavorante, caminhões e automóveis batidos ou atolados nas laterais da estrada.

Assim prosseguimos e depois de algumas horas de viagem, que pareceram uma eternidade, com a visibilidade bastante prejudicada alcançamos o posto da aduana na fronteira. Os policiais olhando para dentro do carro, observando as crianças, disseram que infelizmente não podiam nos dar guarida no posto, pois era proibido por lei que pessoas estranhas ali permanecessem. Muito solícitos recomendaram que prosseguimos a viagem, mas com redobrada prudência.

Mais alguns quilômetros (milhas), absolutamente tensos e exaustos chegamos à cidade de Seattle, onde a temperatura, marcavam os termômetros, estava alguns graus abaixo de zero. Passava das duas horas da madrugada e fomos direto para o hotel, onde felizmente o *heater*, graças a intervenção de Miss Corcoran funcionava perfeitamente bem.

Acomodamos as crianças e sentados na ampla sala do apartamento, tomamos duas doses de uísque *on the rocks* cada um, comentamos sobre a verdadeira aventura que havíamos passado, nos beijamos e fomos dormir.

A viagem posteriormente prosseguiu para Portland, Oregon e San Francisco, Los Angeles, Califórnia, mas esta é uma outra história.

### Epílogo

Quando nos referimos às estações climáticas do ano, costumamos relacionar a Primavera com o tempo das sementes desabrochando nas flores, é o momento do amor; o Verão é a estação do Sol, do aquecimento, é o momento de aproveitar as praias e os passeios nos campos; o Outono, a estação das frutas é o momento da abundância. Poeticamente essas estações são relacionadas às gerações mais jovens.

Falar do Inverno, em geral é referir-se ao tempo frio, ao vento gelado e lembrar do uso de agasalhos, do recolhimento das pessoas. Este é o período de hibernação também associado à velhice e ao ocaso da vida.

## Solstício da Alma

Contudo, parece ser também um tempo em que as pessoas se vestem melhor e se tornam mais elegantes. É o tempo de se aquecer junto à lareira saboreando uma bela taça de vinho. Enfim é também uma bela estação do ano. De fato, no inverno que passamos nos Estados Unidos, apesar das aventuras e riscos, estávamos para cima, gozando de uma imensa alegria, da observação da linda paisagem, da preparação para as festas natalinas, da rica e colorida decoração das fachadas das residências, shoppings e lojas em geral. A neve caindo, as pistas de gelo apinhadas de gente e nós, acompanhados do Ari e Alexandre, transformando todas as horas em momentos especiais.

Mas quarenta anos depois, outro inverno, também no hemisfério norte, mas na Europa, na cidade de Barcelona, se transformaria para nós no oposto ao dos Estados Unidos; e nós estávamos em pleno verão do Brasil. Foi quando o Alê repentinamente partiu para uma dimensão maior no dia 7 de janeiro de 2018, deixando um enorme vazio.

Mas como a vida e a morte são regidas pela natureza cíclica e a lei da impermanência há que se permitir o “existir” de todas as coisas, o nascimento e a morte, a criação e a destruição, o crescimento e a dissolução sendo tudo parte de uma realização espiritual. Assim pensando continuamos felizes, já que o Ari, a Alexandra e a Manuela continuam a preencher nossas primaveras, verões, outonos e invernos.

Por fim, nos desculpem os poetas, mas entendemos que não há diferença entre as quatro estações do ano, pois ao que parece tudo depende de nosso estado de espírito e como ressalta a música de Tim Maia: *“Quando o inverno chegar eu quero estar junto a ti; Pode o outono voltar eu quero estar junto a ti; Porque (é primavera)...”*



Ivane Padilha de Soeiro Rocha  
e Aristides Almeida Rocha  
São Paulo - SP





**Laura Silva**  
Jundiaí - SP

## *Hotel Marina River*

Foi no Hotel Marina River que me apaixonei de novo. Eu e meu marido passávamos por um momento difícil. Nós dois sentíamos que tudo estava acabando.

Era o aniversário do nosso casamento, então para darmos um chega pra lá na tristeza, decidimos viajar. Escolhemos um destino que ambos ainda não havíamos conhecido... e olha que passamos por muitos lugares nessa vida...

Meus filhos relutaram em nos deixar ir, mas eu e ele precisávamos saber o que era viver novamente. Durante toda viagem, fiquei triste, pensando no que seria da minha vida no futuro, afinal, pessoas como nós ficamos à espera do último sopro todos os dias, mesmo não querendo, é só nisso que pensamos.

Será que vale a pena continuar? Será que vale a pena tentar amar? Questionamentos que me torturavam até um certo dia.

Nos primeiros dois dias, tudo foi falso; os sorrisos, as surpresas, a alegria. Porém, no jantar do terceiro dia, fomos surpreendidos, e agora de verdade. Era um jantar inteiro à luz de velas.

Vários casais felizes e sorridentes, e eu e ele, novamente pensando se tudo aquilo importava. Entrada, prato principal, sobremesa, e por último, a dança. Como quem não quer nada, ele me tirou para dançar, confesso que chamamos a atenção, esse é o efeito que um casal de idosos de 72 anos causam nas pessoas. Passo vai, passo vem, até que admirei a profundidade de seus olhos azuis, que ficavam atrás de lentes fundo de garrafa.

Tive vontade de chorar, então chorei, mas me surpreendi novamente, pois as lágrimas eram de alegria! Ele enxugou-as com delicadeza, sem dizer nada. Beije suas mãos enrugadas e me apertei em seu abraço. E naquele restaurante dentro do hotel, foi que descobri que não precisava me importar se iria continuar vivendo ou não. Poderia morrer naquele instante, desde que ele estivesse presente até o meu fim.

## *90 dias*

Adoro gente, mas odeio multidão. Essa é uma frase que constantemente repeta.

Nunca havia refletido sobre a palavra em si. Sequer suas origens ou seu descritivo no dicionário. Bastava-me a ideia de não me sentir confortável em locais muito lotados.

Entretanto, dias atrás, organizando uma lista de palavras para meu trabalho fonoaudiológico, acrescentei a palavra multidão e, ao conversar com uma paciente super sociável, sobre a tarefa de linguagem escrita que devia fazer usando o conjunto de palavras propostos, ela me diz.

– Olha, ja tô gostando de todas essas aulas de longe, mas não vejo a hora de encontrar as amigas, ter aquela multidão gritando na hora do lanche.

– Multidão na hora do lanche? Mas sua classe tem 22 alunos, não chega a ser uma multidão.

– Ah! É sim! Se não fosse, que problema teria de estarmos juntos agora né?

Fiquei “congelada” do outro lado da tela. Afinal, ela, em sua sapiência infantil, de 9 anos de idade, soube me definir multidão de uma forma que nunca havia pensado.

No dicionário encontrei uma definição que elucidou meu relato. Multidão pode ser entendida por: “Um grande ajuntamento de pessoas, unidas temporariamente, na maior parte das vezes, como resposta a um estímulo comum ou sob a influência de uma emoção coletiva.”

Recordei-me, então, que minha grande alegria é sempre estar em reuniões sociais. Grupos de amigas, reunião de família que é bem recheada de primos e muita risada, de promover encontros entre professores, só pra conversar sobre educação e possibilidades do aprender.

Lembrei-me do final da primavera passada, onde andei quatrocentos quilômetros com dois bolos decorados e encaixotados com exímio zelo, só para me reunir com mais três famílias, somando 14 pessoas em volta de uma mesa, para brindar o aniversário de uma amiga.

Veio o verão, comemorei meu aniversário em pleno mar, apenas com minha família e um barqueiro a nos guiar; entretanto, nas praias que estivemos, todas estavam cheias de gente, que como eu, aproveitavam o lindo dia de sol. Lembrança que adoro recordar.

Em seguida, dirigimos mais quatrocentos quilômetros, rumo à nova moradia de meu filho, onde lá, encontramos amigos, partilhamos alimentos e juntos brindamos a alegria daquela conquista.

## *Solstício da Alma*

Sempre estive entre muita gente.

Adoro meus grupos de estudo, salas cheias, onde aprendemos juntos. Temos cafés, partilha de bolachinhas, muita troca de informação e acolhimento.

Quando fechei o portão de meu consultório no dia 19 de março, o outono estava próximo, o vento já derrubava algumas folhas secas, e esperava apenas as “águas de março, fechando o verão”, para adentrar um diferente período.

Não sabia com precisão, naquele momento, o tempo ou a extensão desse momento histórico que estamos vivendo, chamado Pandemia. Só tinha uma pontada de incerteza, um medo impreciso.

Entre adaptações profissionais e domésticas, novos aprendizados, sono diferenciado e a intensidade do tempo que foi passando, marcando as horas, minutos e dias, numa velocidade inominável, num ritmo descompassado, como se os ponteiros estivessem mal ajustados, acabou o outono.

Vi a chegada do inverno, marcando com mais peso os dias.

As idas ao consultório não são mais as mesmas. Onde ficava a garrafa de café, agora temos álcool em gel.

As vestimentas são novidades para o mundo clínico. Os conselhos profissionais intensificaram as orientações de biossegurança. O sorriso de bom dia fica escondido por máscara, que mesmo transparente, não consegue expressar a alegria leve, que era característica do meu espaço.

Fecho agora o portão, besuntado de álcool e olho a rua, que mesmo sendo movimentada, não se iguala ao seu habitual ruído.

Já passei por muitos invernos, mesmo quando o calendário me mostrava ser verão.

Apreendi que por mais gélido, escuro e inseguro sejam seus dias, num dado momento eles passam, vão perdendo sua triste força e como o abraço caloroso de quando encontramos nossos grupos de pessoas queridas, a primavera surge novamente.

As flores desabrocham, o sol traz calor e alegria.

Assim, independente de quantas estações vamos passar, quantas dificuldades tenhamos que superar, ou ainda, quantas dores ou perdas venhamos enfrentar, isso se findará e vou comemorar com uma nova frase:

– Amo gente em multidão!



**Susana Bueno de Souza**

Jundiaí - SP



*Solstício da Alma*  
*Nosso jardim*



Era uma tarde fria, em um canto, diante do sacrário fitava meus olhos cheios de lágrimas, minha alma enchia-se de um Amor, o Amor mais elevado. Entro em um Jardim, lindo, um paraíso, com as mais belas flores, as aves pareciam louvar a Deus. Olho mais adiante, um banco, nele havia um Homem, o mais belo que já vi, aproximei-me, minha alma inundada da mais brilhante Luz, fiquei extasiada com tanta beleza a minha volta. Era Jesus, meu grande Amor! Eu, apenas, estava á procura de mim. Ele pegou-me pelas mãos, apresentou-me o Jardim. Passamos por uma passagem, linda, toda florida. De repente, tudo ficou cinza, uma cidade destruída. Virei-me assustada para Jesus, sem nada entender. Ele, com grande Amor, olhou-me e disse: “Esta é você, mas irei te reconstruir e será a mais bela ‘cidade’ já vista.” Ali, com Jesus, fiquei abobada com tanto Amor que transbordava de Seu Coração. Agora, Ele, neste mesmo jardim, me diz: “Voe!”

E minha alma, com Santa Terezinha do Menino Jesus, canta:

*“E em mim nascerá, Senhor, do amor a perfeita alegria  
E em tuas asas, então, voarei na mais perfeita harmonia.”*



**Mariana Siqueira**  
Viena - Áustria

## *Sinais*

Quem nunca enfrentou um sinal?

O primeiro e mais importante, é o que nossas mães recebem, quando a bolsa amniótica se rompe, dando o sinal que estamos prontos para ver a luz, para a alegria de nossos pais. Claro que podemos ter um sinal de nascença, só nosso.

Damos os sinais de fome, sono, doença etc. Com nosso choro de bebês!

O sinal esculpido nas pedras das cavernas, que indicam que os desenhos, são de pessoas ancestrais a nós. Sinal de que queriam que soubéssemos de sua linda presença em nosso planeta Terra. Civilizações que marcaram!

O sinal de trânsito que foi elaborado para preservar nossas vidas, ainda bem!

O da campainha da porta? Significa que alguém está à espera para nos ver.

Quando os relâmpagos riscam o céu com sua beleza amedrontadora e estonteante, nos dá o sinal que vai chover, e muito! Sinal que temos que correr!

Um sinal que marca nossas vidas, é o da escola... sinal da entrada e da saída!

O do apito do trem, sinal da partida e o da chegada, quando o maquinista puxa a cordinha.

Até nosso carro quando damos o sinal de partida, quando pega, sabemos que estará tudo bem!

Quando comemos, dormimos, nos divertimos bem e somos felizes, sinal de que está como desejamos. Nosso corpo transmite todos os sinais.

E quando um anzol sobe e desce na pescaria? Sinal de peixe no anzol!

O olhar de um apaixonado dá sinais mesmo que não queira demonstrar... desvia várias vezes, como se não estivesse interessado!

O sinal do rádio? Do telégrafo? Da televisão?

E o sinal de nossa fé? A cruz indicando que somos cristãos.

Quando os reis magos viram o sinal da estrela de Belém no céu, já sabiam que nosso Salvador havia nascido.

O sinal da paz, quando a bandeira branca é hasteada?

Nas tribos indígenas, o sinal de fumaça dizia muitas coisas importantes.

## Solstício da Alma

Quando está sendo escolhido um Papa, enquanto a fumaça for negra, nada feito. Quando sobe a fumaça branca? “*Habemos Papa*”.

Se somos convocados para um novo trabalho, ao qual nos candidatamos, sinal de que nos esforçamos o suficiente.

No aeroporto, o sinal da Torre é muito importante para a decolagem ou aterrissagem.

Em mil oitocentos e antigamente, se uma ópera ou peça, fosse levada, o sinal que estava um sucesso, o teatro ficava cheio de cocô de cavalo em frente.

Hoje? Sabemos logo de cara. Sinal de que não acharemos vaga para estacionar! O sinal de cansaço de nossos olhos, quando lemos muito!

No Peru. Em Nazca, temos os sinais da visita de extraterrestres.

São tantos os sinais... só temos que aprender a observá-los.



Cacilda Franco Ribeiro  
Vinhedo - SP





# *... Tigue Taque... Aquet Equit...*

Sonhei..., mas ainda paira uma noite sorrateira lá fora, madrugada bem fria... despertei, abri os olhos e nem se quer pisquei... corpo quente para dentro da manta, garganta intrinsecamente seca, nariz gelado para fora da manta... estou com sede, mas será que me atrevo a levantar e sair do meu pequeno iglu?

Quarto escuro, leito quente de um só amor, eu.... *Me, myself and I!*

Calço as sandálias com as meias soltas..., roupas frouxas, nada melhor para poder dormir... hibernar..., mas que coisa boa... será que é assim que um esquimó se sente?... eu e meus devaneios absurdos... do que eu gosto?

Bom, vamos ver... gosto de cozinhar e comer, curto ler e escrever, aprecio dormir na minha cama (porém, sozinho) e por vezes desfrutar de suas saliências muito bem acompanhado... Sim, chame o unicórnio!

O silêncio da madrugada é estonteantemente belo... e há beleza nisso? Sim, existe beleza em tudo nesta vida, basta querer procurar nos seus cantinhos e em suas dolorosas dobras entre o devir e porvir, entrelaçados nos detalhes ocultos que ficam bem visíveis a olho nu...

Que água tomar?... está frio, mas mesmo assim gosto de beber H<sub>2</sub>O gelada, temperada (fria e quente misturadas conforme instruções de Clodovil Hernandes) ou ao natural do filtro de barro São João, santo padroeiro homenageado todo dia 24 de junho aqui no condado de Rio Claro - Sp.

Glub... glub... glub... sede velada e morta. Missão mais do que cumprida... voltar para a cama, deitar, entrar no processo de mumificação, dormir e sonhar..., mas antes uma escalada breve à toailete nesta rota entre os braços de Morfeu e o tridente de Poseidon ou será de Netuno? Tanto faz, o primeiro era um deus mitológico para os gregos na antiguidade e o outro um deus com os mesmos poderes para os romanos... besteira, prefiro filetar o Aquaman!

## Solstício da Alma

Oi? Roncar?... quem ronca por aqui, eu?... miau, eu costume é ronronar... boa noite... por hoje é só... Zzz... Zum... zum... zum...

Acordei, levantei, onde estou? Ah é! Nem tudo é sonho, mas quando sonho, logo que desperto consulto o livro dos significados para decifrar tais mensagens e trabalhos realizados pelo desdobramento da alma enquanto eu naninha...

Virando a página para a manhã seguinte desta noite fria e chuvosa... sim, te contei que choveu nesta madrugada? Deve ter começado depois que eu dormi. Chuvinha branda, barulhinho aconchegante por certo, cheirinho gostoso lá fora neste princípio de inverno... confinamento, tempos de pandemia... Covid-19!

Bom dia, pessoal! *Good morning folks! Buenos días gente! Bonjour les gars! Guten morgen leute!* Hora de desajustar os amigos perturbados do grupo Medusa no Whatsapp e rir litros com eles, antes de procrastinar algo por mais um dia ou quiçá riscar algumas coisas na lista de tarefas a serem realizadas dentro e fora de minha humilde residência – usando máscara facial é claro... coronavírus... distanciamento social... álcool em gel... cloroquina sim ou não? Sei lá, uma hora a vacina chega por aqui, só espero que antes de 2021.

Café da manhã... *Breakfast... Desayuno... Petit déjeuner... Frühstück...*

Yummy nhammy! Coar o café... ferver o leite... preparar os ovos mexidos exatamente como eu os degustava nos hotéis na era do possível e normal... Saudade dos pousos e decolagens pela VASP, VARIG (hoje GOL), TRANSBRASIL, TAM (hoje LATAM) e AZUL... Snif... snif... pão na torradeira... manteiga Aviação... frios diversos, suco de laranja, croissant, frutas fresquinhas... jornal da manhã impresso ou na TV... redes sociais... *Bon appetit!*



**David Ferreira**  
Rio Claro - SP

## "Abulelamento"

Inspira, pé direito à frente, expira, pé esquerdo à frente, inspira... um pouco mais rápido agora. Inspira, pé direito – qual é o direito, mesmo? Ai, faltou ar. Ops!

E assim ele me segurou pela primeira vez.

Sobre o que estávamos falando eu não faço a menor ideia, aliás, ele estava falando, eu estava tentando andar e respirar e não parecer ridícula. *Mission failed*. Tropecei e, quando estava indo ao encontro do sorvete arremessado, senti suas mãos nos meus ombros pela primeira vez.

Se eu tivesse estatelado de cara no chão não teria ficado tão vermelha quanto o momento em que ele levantou meu queixo e perguntou se estava tudo bem. Estava e não estava bem. Minha cabeça latejava, meus ouvidos pareciam que explodiriam, meus olhos em formato de coração e o rosto todo sujo de sorvete – que, obviamente, vingou-se ao perceber que seria lançado como uma pelota.

Delicadamente, tirou um lenço do bolso – a mãe fala para ele manter sempre um no bolso –, limpou o chocolate espalhado na frente da minha vergonha e sugeriu voltarmos à sorveteria, afinal era cedo ainda. Agradei, tentei sorrir de volta, mas recusei a ideia, afinal, talvez eu pudesse causar alguma explosão nuclear nessa trajetória. Nunca se sabe!

Ele voltou ao assunto (ou começou outro, não sei, não conseguia entender antes). Era alguma coisa sobre uma música, quando enfim chegamos de volta à escola. Tanta gente, tanto barulho, tantas pessoas olhando para mim com incredulidade. Podia ouvir seus pensamentos. “Ele está com ela? ELA? Como é o nome dela, mesmo?”. Sentia o peso dos seus olhares indignados e reprovadores.

– Acreditem, eu também duvido de que isso esteja acontecendo. – Falei para mim, talvez um pouco alto demais.

– O que você disse?

– Eu disse: que pena que está quase anoitecendo! – Quase...

– Eu te acompanho até em casa.

– Não precisa, alguém vem me buscar.

– Você passa a festa toda comigo e vai chamar outra pessoa para vir buscá-la?



## Solstício da Alma

– Pode ser meu pai ou minha mãe, não é exatamente “alguém”, mas ainda é alguém... –  
Oh, meus deuses! Fica quieta!

– Se eu puder acompanhar você até em casa é mais tempo que passaremos juntos.

E maior o risco de eu passar mais vergonha, falar alguma besteira, cair um raio na minha cabeça, ou você descobrir que sou uma idiota comum, apaixonada pelo garoto da turma de formandos. Você, no caso...

– Tudo bem, então. – Garota, você tem probleminhas!

Inspira, pé direito. Presta atenção, porque a caminhada será longa e é a sua chance de parecer inteligente. Ele ainda está falando sobre música. Chico o quê? O quê atômico? Como parecerei mais idiota: muda ou se tentar falar sobre esses nomes que me parecem palavrões?

– Mas o vocalista morreu há algum tempo... queria ter conhecido essa banda antes para poder ter curtido um show.

– Lá em Recife?

– E por que não?

– Não estou dizendo que não, apenas me surpreendeu.

– Quando a gente gosta de alguma coisa ou de alguém, é capaz de viajar só para aproveitar algumas horas de diversão.

– Certo. Eu viajaria para assistir a uma apresentação do Cordel do Fogo Encantado.

– Olha só! Você também gosta de *manguebeat*... quem diria, não é mesmo?

– Pra mim é mais a questão literária, da beleza cênica das apresentações... claro que tem a pegada social, mas isso eu acho que é obrigação da literatura, sabe? Quando eu me formar e for professora, vou tentar passar isso para meus alunos: literatura tem obrigação de causar um impacto social, senão nem vale a pena ser escrito! Mesmo que esse impacto seja só na emoção das pessoas, em como elas se enxergam e enxergam o mundo a sua volta. Isso já vale, você não acha?

– Nossa! E eu achando que estava te dando sono falando sobre Nação Zumbi... de repente você aí toda conhecedora do movimento.

– Desculpe-me, fui muito longe? Eu me empolguei um pouquinho...

– Não, de jeito algum! É muito bonitinho ver você falando assim, com tanta paixão.

– É que aquela música “O amor é filme”, sabe? Da *Lisbela e o prisioneiro*? Gosto tanto! É uma metáfora tão linda e contagiante, não dá pra ficar parado. – Falei isso abrindo os braços e girando na calçada.

## Solstício da Alma

E bem naquele momento, em que sentia que eu podia conversar, até parecer inteligente, o universo ri da minha ingenuidade e me envia uma bicicleta. Eu nem vi de onde eles surgiram, só ouvi meu algoz gritando freneticamente e, quando dei por mim, estávamos todos no chão.

Bem, todos, não, só eu, o mensageiro do destino e seu transporte de duas rodas. Ele, não, é claro. Porque quem tem uma “quedinha pela gravidade” sou eu! E seu olhar era um misto de preocupação e descrença. Quando percebi que estava há tempo demais no chão, tentei me levantar, mas uma tontura muito grande me segurou sentada na sarjeta. Ali estava eu, avessa aos efeitos etílicos, de repente compreendendo os sentimentos ébrios.

Não entendi muito da conversa que aconteceu entre o promotor de minha felicidade e o motivo dela. Recobrei melhor a consciência quando vi o lenço novamente se aproximando de mim. Tinha sangue na minha testa. Percebi que não mexia a mão direita e uma dor lancinante me percorria. Só não superava o derrotismo.

– Você é um tanto perigosa para si mesmo, não é?

– Uma progressiva catástrofe.

– Não deixe os Estados Unidos saberem disso, ou vão querer te monetizar.

Ri-me com gosto e senti dor até na sombra que a luz do poste já projetava na rua.

– É disso que mais gosto em você sabia?

– Que eu possa ser utilizada como arma numa guerra nuclear?

– Que você entenda isso como uma dose de sarcasmo...

Corei e baixei a cabeça. Ele me ajudou a ficar em pé e, naquele momento de tontura, em que ele enlaçou minha cintura para dar apoio, minha respiração parou. Inspira, pé direito... Não, não, não anda! E a respiração dele hesitou também. Os olhos se encontraram. Os rostos se aproximaram. Os lábios se tocaram.

E eu finalmente senti o cheiro de menta e pipoca.



Aneli Monteoliva

Jundiaí - SP



**Camila Fernandes  
de Freitas Rosalem**  
Jundiaí - SP

## Amor por Thi

*Em memória de Thiago Fernandes de Freitas  
(09.04.1985 – 09.06.2019)*

O tempo sem tempo, atropela o momento  
A vida corrida, causa ferida no peito, sim,  
E a distância dos lares, atravessa os mares das lágrimas em mim  
Invisível aos olhos, mas visível na alma é o Amor por Thi sem fim

Amor de irmão, filho tão amado...  
A dor da saudade mostra a verdade: o que importa, enfim?  
A prece que liberta para a vida que desperta, no jardim de alecrim  
Assim, a certeza da vida eterna e divina, faz morada em mim

Unido aos anjos vive à espera de alegrar-se  
De contemplar face a face  
O sublime e sagrado, Aquele que o reviveu

O amor por Thi ilumina o nosso céu e reacende a missão  
Nos leva a difundir a palavra em todos os lugares  
Com a primavera da Igreja proclamamos: Dominus Salus!



*Tempo presente*

Procuo não pensar no futuro  
que chega  
e passa a cada instante.  
Acho até que não vivo.

Envolta em mesquinhas,  
meus dias não suportam mais que 24 horas  
e sou obrigada a deixar  
para muito além de amanhã  
o que devia  
e queria fazer hoje.

Por outro lado,  
acredito que as tais mesquinhas,  
a falta (pretensa) de tempo normal,  
a falta até  
e mesma de um relógio  
- externo a mim -,  
as poucas obrigações,  
reajustáveis!,  
vão sendo cumpridas  
para além das 24 horas,  
quando chegam meus tempos.

Acredito que assim posso viver,  
que seja um modo de viver.

Não sei se bem ou mal,  
pois não há tempo de pensar,  
não quero ter tempo,  
não quero pensar.

Confundo-me  
com  
e sem você.



**Rosalie Gallo y Sanches**  
São José do Rio Preto - SP



**Herminia Aparecida Balbuena**

Jundiaí - SP

## *Sombra e Luz*

Enquanto o equilíbrio natural se faz presente,  
minha alma procura-se equilibrada.

Enquanto o equilíbrio natural se faz presente,  
minha alma deixa-se alarmada.

Enquanto o equilíbrio natural se faz presente,  
minha alma acolhe sem segredo.

Enquanto o equilíbrio natural se faz presente,  
minha alma recusa-se ao medo.

Enquanto o equilíbrio natural se faz presente,  
minha alma encanta-se com a lucidez.

Enquanto o equilíbrio natural se faz presente,  
minha alma inebria-se com a nitidez.

Enquanto o equilíbrio natural se faz presente,  
minha alma clama por ternura.

Enquanto o equilíbrio natural se faz presente,  
minha alma vibra com doçura.

Enquanto o equilíbrio natural se faz presente,  
minha alma canta ao eloquente.

## *Solstício da Alma*

Enquanto o equilíbrio natural se faz presente,  
minha alma chora pelo mais doente.

Enquanto o equilíbrio natural se faz presente,  
minha alma ignora a brutalidade e o orgulho.

Enquanto o equilíbrio natural se faz presente,  
minha alma acalenta o sincero mergulho.

Enquanto o equilíbrio natural se faz presente,  
minha alma alimenta a profunda alegria.

Enquanto o equilíbrio natural se faz presente,  
minha alma deleita-se com a sua companhia.

Enquanto o equilíbrio natural se faz presente,  
minha alma esperança-se com a Divindade  
frequente.

Enquanto o equilíbrio natural se faz presente,  
minha alma ama o sonho e o inocente.



## *Solstício da Alma*



**Ronaldo Martelli**

Valinhos - SP

### *36 anos depois... lugar algum!*

Gosto do campo, cheiro do mato  
Fitar o céu, estrelas da vida  
Olhar a verdade de cada fato  
Esquecer de que há despedida

Ter a certeza da realeza do mundo  
Planetas, estrelas, imensidão  
O fundo sem fundo  
Amor, humildade, compaixão

Penso na gente, nas fantasias  
Alegria adolescente, boba gente  
Acreditando em alegrias  
Beleza juvenil, desprovida, carente

Quero não fazer nada, sempre  
Quero deitar contigo na grama  
Nada que não seja a gente  
Nada que o brilho de quem ama

Imaginar impossíveis quimeras  
Morar em lugar tão louco  
Sem tempo, som, eras  
Pois sonhar é morrer um pouco

Por fim acordar, cabelo cheio de mato  
Se ver só num mundo sem cor  
Companheira, cachorro, gato  
Simplesmente dor

Acordo e te vejo comigo  
A imensidão me consome  
És meu ombro amigo  
Amor indelével, insone

Por fim, foi-se o tempo  
Nos escaninhos ficaram lembranças  
Meus doces e eternos momentos  
Esposa, mulher, criança

## *Por isso mesmo*

Choramos  
Reclamamos, insistimos  
Batemos nossos pés  
Mas nada aconteceu  
O tempo não parou  
O ano não se interrompeu  
Os meses passaram  
E nós não percebemos  
Fingimos não ter visto nada  
Não acreditávamos nessa história  
Mas ela vingou e provou  
Ela aconteceu!  
E Carolina tornou à janela  
Não para ver a banda  
E, sim, para ver a vida  
Observando todos nós  
Nas nossas janelas  
Eu estou dentro da sua casa  
Você está na minha  
Parecemos íntimos até  
Mas não somos  
Compartilhamos um sonho  
O do reencontro  
Do olhar nos olhos  
E nos aquecermos com abraços  
Fraternos e esperançosos

**Márcio Martelli**  
Jundiaí - SP



Esperando o sol nascer novamente  
Neste inverno caloroso  
Que invadiu nossa tela  
Eu preciso de você  
Tanto quanto você de mim  
E embora já seja quase julho  
Num piscar de olhos, será Primavera  
E teremos as flores  
Que são nossas poesias  
Orvalhando na noite  
E trazendo acalanto  
Vai!  
Corre apressado ano danado!  
Mas não leva de mim  
Essa esperança  
De que um dia  
Tudo isso irá passar  
E florescer tal qual  
Floresce o amor  
Dentro da alma  
De cada um  
De nós!



## *Ceifa*

Mais que a certa morte  
o frio da indiferença  
ignora sentimentos  
e enterra sonhos.

Nada há que proteja o homem do desamor  
ou que supere o frêmito  
de sentir na sua a mão amada  
a brincar de escorregar  
na efêmera linha da vida  
resvalada a dois.

Foi-se.

Ceifado,  
no chão,  
um resto,  
para sempre,  
de silêncio incômodo  
no inverno de minh' alma.



**Rosalie Gallo y Sanches**  
São José do Rio Preto - SP



## *Por dentro*

São milhões de ideias e mil ideais  
porém nem tudo se concretiza  
fica no mundo do inconsciente  
aquele da teoria de Platão  
à espera de quem queira  
nesta fonte bebericar e realizar  
aquilo que talvez estivesse feito.  
Tantas coisas a se pensar...  
Eu pensando demais e achando  
que o mundo é somente isso  
um monte de conceitos sem nexos  
eu “só sei que nada sei”.



**Márcio Martelli**

Jundiaí - SP

## *Por fora*

As ideias explodem em palavras  
São minhas? São suas?  
São deles? São nossas?  
De quem são não sei...  
mas sem nexos se conectam  
concebem um novo universo  
complexo!  
Que por nós não pode ser explicado  
muito menos entendido  
Apenas vivenciado  
seja sob o Sol, seja sob a Lua  
pelos filósofos teorizado!



**José Felício Ribeiro De Cezare**

Jundiaí - SP

### **Sobre o livro:**

*Solstício da Alma – Literatura de Inverno* é uma coletânea de textos em prosa e poesia de diversos escritores brasileiros. Oriundos de diversas cidades e até mesmo morando em outros países, esses autores se reuniram para festejar a união e a fraternidade entre os seres humanos nesse difícil momento de pandemia que o mundo está enfrentando. Sob a organização de Márcio Martelli e José Felício Ribeiro De Cezare o projeto foi tomando forma a partir do grupo **Palavras sem Fronteiras**, do qual fazem parte a maioria dos escritores. É uma obra para comemorar a vida e o renascimento de uma nova era.

*Obs.: O livro contou com 6 modelos de capa. A seguir publicamos as outras cinco opções.*





# Solstício da Alma

Literatura de Inverno



Organização  
José Felício Ribeiro De Cezare  
Márcio Martelli



# Solstício da Alma

Literatura de Inverno



Organização  
José Felício Ribeiro De Cezare  
Márcio Martelli



# Solstício da Alma

Literatura de Inverno



Organização

José Felício Ribeiro De Cezare  
Márcio Martelli



Organização  
José Felício Ribeiro De Cezare  
Márcio Martelli



# Solstício da Alma

Literatura de Inverno





Organização  
José Felício Ribeiro De Cezare  
Márcio Martelli

# Solstício da Alma

Literatura de Inverno





---

Caro Leitor

Nós esperamos que esta obra tenha correspondido às suas expectativas.

Envie suas dúvidas e sugestões pelo nosso e-mail:

 [editorainhouse@gmail.com](mailto:editorainhouse@gmail.com)

---


Compre outros títulos em

 [www.livrariainhouse.com](http://www.livrariainhouse.com)

---



editorainhouse

 11 4607-8747 / 99903-7599